



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

---

# RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II

## Mestrado em Educação Pré-Escolar

“Contributos das Artes Visuais para a Consciência Ecológica”

Orquídea Ludovina Fonseca da Silva Moura





INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

Orquídea Ludovina Fonseca da Silva Moura

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA  
DE ENSINO SUPERVISIONADA II**  
Mestrado em Educação Pré-Escolar

“Contributos das Artes Visuais para a Consciência Ecológica”  
”

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)  
Doutor Carlos Almeida

Mês de 2019

## AGRADECIMENTOS

A concretização deste estudo foi possível graças à orientação, colaboração, apoio e incentivo de várias pessoas, a quem desejo apresentar a minha profunda gratidão:

- Ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Almeida, pela simpatia e dedicação que me norteou, e pelo rigor e pertinência dos seus comentários, sugestões e supervisão científica.

- Aos meus professores da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, pelas raízes educativas que me auxiliaram a firmar, outrora, e, recentemente, pela participação e partilha de saberes em todo o processo formativo.

- À Educadora Cooperante Conceição Ponte, pelas orientações, disponibilidade, carinho, confiança e incentivo que demonstrou no decorrer do estágio.

- Ao meu Par de estágio Paula Ribeiro, pela colaboração e apoio ao longo de todo o projeto.

- Às crianças, ainda que de forma indireta, são afinal, a razão de ser desta investigação, e todos os dias nos motivam a continuar para conhecer, fazer, conviver e ser mais e melhor.

- À minha família, por estarem sempre presentes e disponíveis, e constituírem uma referência de determinação na minha vida, mas sobretudo por acreditarem em mim.

- Às minhas colegas de curso, que de uma forma ou de outra, conseguiram animar os momentos de fraqueza, verdadeiras companheiras nesta jornada, e a todos os meus amigos, pelo encorajamento.

- A todos os que de uma ou outra forma se cruzaram comigo, incorporando eixos estruturantes para o meu desenvolvimento humano.

O meu muito obrigada!

## RESUMO

O presente estudo resulta do trabalho realizado, no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar da ESE-IPVC, com crianças de três a cinco anos de idade. Aborda uma problemática atual relacionada com as preocupações sobre a sustentabilidade do Planeta em que vivemos e sobre o papel da educação pré-escolar no desenvolvimento e sensibilização da “Consciência Ecológica”. Com o presente estudo recorreu-se à exploração de materiais não estruturados e materiais reciclados para a concretização de produtos que sensibilizam para a necessidade de compromisso a curto, médio e longo prazo com o meio ambiente através das artes. Este estudo foi realizado num Jardim de Infância do concelho de Viana do Castelo.

De forma a motivar e estimular as crianças pela importância de preservação do meio ambiente, recorreu-se à construção de uma estrutura tridimensional “A Casinha da Reciclagem”. O principal objetivo foi o de alertar para a problemática do lixo produzido e as eventuais soluções existentes para a reutilização e reciclagem de materiais.

O trabalho realizado foi desenvolvido através da metodologia de projeto, partindo da necessidade discutida e assimilada em diálogo com as crianças, envolvendo conjuntamente os pais e encarregados de educação nas atividades de recolha de materiais e apoio em todas as fases do projeto.

Podemos concluir que houve um aumento da tomada de consciencialização para os problemas ambientais, através da realização/participação nas atividades inerentes a todo o projeto, por parte das crianças e de toda a comunidade educativa. As crianças revelaram-se empreendedoras e criativas, na medida em que contribuíram na resolução de problemas decorrentes da implementação do projeto, ao mesmo tempo que assimilavam a necessidade do dever de sermos mais ativos na preservação do nosso planeta, promovendo ações de mudança no meio escolar e familiar.

**Palavras-chave:** Reciclagem; Artes visuais; Materiais não estruturados; Criatividade.

## ABSTRACT

The present study results from the work carried out within the framework of the Supervised Teaching Practice Course of the MSc in Pre-School Education of ESE-IPVC, with children from three to five years of age. It addresses a current issue related to concerns about the sustainability of the Planet we live in, and about the role of pre-school education in the development and awareness of "Ecological Consciousness".

In the present study we used unstructured and recycled materials for the outcome of products that show awareness for short, medium- and long-term commitment to the environment through arts. This study was carried out in a kindergarten in the city of Viana do Castelo.

In order to motivate and stimulate the children for the importance of preserving the environment, we used the construction of a three-dimensional structure "The little house of recycling". The main goal was to alert for the problem of garbage production and possible solutions for the reuse and recycling of materials.

The work was developed through the project methodology, discussed and assimilated in dialogue with the children, involving parents in all phases of the project, including collection of materials and other activities.

We can conclude that there has been an awareness regarding environmental problems, through the accomplishment / participation in the activities intrinsic to the whole project, regarding the children and the community. The children were adventurous and creative, they contributed to solve problems resulted from the implementation of the project, while assimilating the need to be more active in the preservation of our planet, fomenting changing actions in the school and family environment.

**Keywords:** Recycling; Visual arts; Unstructured materials; Creativity.

## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO.....	ii
ABSTRACT .....	iii
ÍNDICE.....	iv
LISTA DE ABREVIATURAS .....	vi
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÃO .....	vi
LISTA DE TABELAS.....	viii
Introdução .....	1
CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DA PRÁTICA EDUCATIVA PEDAGÓGICA II. 2	
1.    Caracterização do Agrupamento/Jardim de Infância .....	2
2.    Caracterização da sala de atividades /Rotinas .....	6
3.    Caracterização do Grupo .....	12
4.    Percurso da Intervenção Educativa no Pré-Escolar .....	15
CAPÍTULO II – O ESTUDO .....	17
1.    Enquadramento do Estudo .....	17
1.1    Contextualização e Pertinência do Estudo .....	17
1.2    Finalidades, Questões e objetivos de Estudo .....	18
1.2.1    Questões de Estudo.....	18
1.2.2    Objetivos de Estudo.....	19
2.    Fundamentação Teórica.....	19
2.1    Arte em material não estruturado.....	19
2.1.1    Artes Visuais na Educação Pré-escolar”.....	19
2.1.2    Criatividade.....	23
2.1.3    Material não estruturado .....	24
2.2    Educação para um desenvolvimento sustentável .....	26
2.2.1    Educação Ambiental no pré-escolar .....	26
2.2.2    Reciclagem .....	27
2.2.3    Sustentabilidade .....	28
3    Metodologia .....	29

3.1	Fundamentação Metodológica .....	30
3.1.1	Fases da Metodologia de Trabalho de Projeto .....	32
3.2	Participantes .....	37
3.3	Recolha de dados.....	38
3.3.1	Registo audiovisuais .....	38
3.3.2	Registo gráficos.....	39
3.4.3	Notas de campo .....	39
3.4	Plano de ação.....	39
3.5	Atividades de investigação .....	40
4	Análise, caracterização e interpretação das atividades desenvolvidas .....	47
4.1	Atividade “Uma nova missão” .....	47
4.2	Atividade “Vamos explorar e separar” .....	51
4.3	Atividade “Papel reciclado” .....	54
4.4	Atividade- “Postais de Natal” .....	56
4.5	Atividade “Sofá para o Capitão mão verde” .....	58
4.6	Atividade- “Casinha da Reciclagem” .....	59
4.6.1	Fase I.....	59
4.6.2	Fase II.....	62
4.6.3	Fase III.....	64
5	Conclusão .....	68
5.1	Conclusões de estudo .....	68
5.2	Limitações do estudo .....	71
5.3	Recomendações para futuras investigações .....	71
CAPÍTULO III – REFLEXÃO GLOBAL DA PES .....		72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		76

## LISTA DE ABREVIATURAS

AAAF-Atividades de Animação e Apoio à família

AEC'S-Atividades Extracurriculares

CEB-Ciclo do Ensino Básico

EE-Educadora Estagiária

ELI-Equipa Local de Intervenção

GNR-Guarda Nacional Republicana

JI-Jardim de Infância

LIPOR-Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto

MEM-Movimento da Escola Moderna

MTP-Metodologia de Trabalho de Projeto

QUERCUS-Associação Nacional de Conservação da Natureza

PES II-Prática de Ensino Supervisionada II

OCEPE-Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

TEI-Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÃO

Fig. 1. Polivalente-----	3
Fig. 2. Sala de atendimento aos pais-----	3
Fig. 3. Sala das AAAF-----	4
Fig. 4. Sala de convívio das Educadoras-----	4
Fig. 5. Biblioteca-----	5
Fig. 6. Refeitório-----	5
Fig. 7. Espaço exterior-----	5
Fig. 8. Corredor dos cabides-----	6

Fig. 9. Sala de atividades-----	7
Fig. 10. Mesa de atividades plásticas -----	8
Fig. 11. Área da casinha-----	8
Fig. 12. Área dos jogos do chão -----	9
Fig. 13. Área dos jogos de mesa-----	9
Fig. 14. Área da biblioteca-----	10
Fig. 15. Área do quadro -----	10
Fig. 16. Área do material não estruturado-----	11
Fig. 17. Ecopontos para a reciclagem -----	49
Fig. 18. Registo da história- criança AC-----	49
Figura 19. Registo da história - Criança BA -----	50
Figura 20. Registo da história- Criança BB-----	50
Fig. 21. Construção de uma casa com cápsulas de café -----	52
Fig. 22. Construção de uma flor com cápsulas de café -----	52
Fig. 23. Construção de um sol com colheres da papa. -----	53
Figura 24.1ª fase. Rasgar o papel-----	54
Fig. 25. Realização da pasta de papel-----	55
Fig. 26. Papel reciclado-----	56
Fig. 27. Realização de postais de Natal -----	57
Fig. 28. Sofá do “Capitão Mão verde”. -----	59
Fig. 29. Enchimento dos pacotes de leite -----	60
Fig. 30. Construção das barras -----	61
Fig. 31. Construção da casinha provisória. -----	62
Fig. 32. Últimas etapas da construção da casinha -----	63

Fig. 33. Resultado do projeto “Casinha Arco -íris” -----	64
Fig. 34. Um dos desenhos para a realização do convite -----	65
Figura 35. Convite para a inauguração da "Casinha"-----	65
Figura 36. Inauguração da "Casinha Arco Íris"-----	66
Figura 37. Festa de Inauguração -----	66

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Áreas de conteúdo abordadas.....	16
Tabela 2. Participantes do Estudo .....	37
Tabela 3. Plano de ação.....	40

## **Introdução**

O presente relatório foi realizado no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada II do Mestrado em Educação Pré-Escolar. A intervenção educativa foi realizada ao longo de 14 semanas num Jardim de Infância (JI) no concelho de Viana do Castelo. Este estudo aplicou-se a um grupo de participantes, composto por 22 crianças, oito de 3 anos, oito de 4 anos e cinco 5 anos. No entanto uma das crianças estava inscrito, mas não frequentava. A partir o dia 3 de janeiro começou a frequentar mais uma criança do sexo feminino.

Neste contexto, este relatório encontra-se organizado em três capítulos. O capítulo I refere-se à caracterização do contexto educativo da prática de ensino Supervisionada. Inicia-se com a caracterização do meio, agrupamento e jardim-de-infância, depois a caracterização da sala de atividades bem como a descrição das rotinas, e posteriormente caracteriza-se o grupo de crianças.

Por sua vez, o capítulo II é dividido em cinco secções. Inicialmente, é apresentada a Enquadramento do estudo contextualização, a segunda seção diz respeito à Fundamentação Teórica, na terceira seção está descrita a Metodologia, a quarta apresenta a análise, caracterização e interpretação das atividades desenvolvidas, e por último a Conclusão do Estudo.

No terceiro e último capítulo deste relatório é apresentada a Reflexão Global da Prática de Ensino Supervisionada.

# **CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DA PRÁTICA EDUCATIVA PEDAGÓGICA II**

Neste capítulo é apresentada a caracterização do contexto onde decorreu a PES II, nomeadamente: caracterização do JI; sala de atividades; caracterização geral do grupo nas diferentes áreas de conteúdo; e fundamentação das opções do percurso educativo de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE, 2016).

## **1. Caracterização do Agrupamento/Jardim de Infância**

O Agrupamento de Escolas, constituído em janeiro de 2013 e situa-se no concelho de Viana do Castelo, na margem sul do rio Lima e a sua área de influência estende-se por dez freguesias, abrangendo cerca de 72 km<sup>2</sup>. O Agrupamento é composto por 13 unidades orgânicas, com tipologias diversas, desde estabelecimentos com um único nível de ensino, até estabelecimentos que englobam três níveis de ensino. É constituído por nove Jardins de Infância, 12 Escolas Básicas do 1º CEB, três Escolas de Ensino Básico de 2º e 3º Ciclo e a Escola-sede que inclui o ensino secundário. As unidades orgânicas estão dispersas por oito freguesias e uma união de freguesias do concelho de Viana do Castelo, num raio de 9 km da escola sede. O meio envolvente da escola sede é predominantemente rural e, em menor área, urbano, existindo também zonas indústrias. O Agrupamento possui uma oferta formativa que vai desde a educação pré-escolar até ao ensino secundário e vocacional. Está inserido no Programa de Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) e de uma forma geral, visa promover o sucesso de todos os alunos, combatendo o abandono escolar e a indisciplina. Existe ainda duas Unidades de Ensino estruturado-Autismo, duas Unidades de Atendimento Especializado/Multideficiência, destinadas a alunos com défices de natureza motora, cognitiva, sensorial e de comunicação,

O Jardim de Infância (JI), onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), possui um edifício de carácter público. Está situado no mesmo espaço da Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), contando com espaços exteriores comuns. No ano letivo 2018/2019 o JI acolhe 44 crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos de idade, distribuídos por duas salas (sala 1 e sala 2).

No que concerne às características estruturais, trata-se de um edifício com rés-do-chão e 1º andar. O JI permanece posicionado ao nível do rés-do-chão com espaços amplos, pisos adequados e bem iluminados. No rés-do-chão existe um polivalente (fig.1), usado para o acolhimento das crianças; duas salas de atividades equipadas com materiais diversificados; casas de banho adequadas à faixa etária; uma sala de atendimento aos pais (fig.2). Existe também uma sala destinada às Atividades de Animação e Apoio à família (AAAF) (fig.3), a qual decorre no início e no final da componente qualificada como letiva. Esta sala comum é também utilizada nas sessões de expressão musical, realizadas por uma professora externa à instituição, a qual promove todas as quintas feiras sessões de expressão musical, abrangendo todas as crianças do JI.



**Fig. 1. Polivalente**



**Fig. 2. Sala de atendimento aos pais**



**Fig. 3. Sala das AAAF**

Ainda no interior do JI é possível contar com uma sala de convívio das educadoras (fig.4); instalações sanitárias destinadas a todos os intervenientes educativos; dois compartimentos destinados a arrumos; uma biblioteca (fig.5); e um refeitório (fig.6) ao dispor das crianças do JI e do 1º CEB. No piso superior existem três salas do 1º CEB; casa de banho de meninas e uma outra de meninos; uma sala de convívio das professoras e ainda contempla uma sala para as Atividades Extracurriculares (AEC'S).



**Fig. 4. Sala de convívio das Educadoras**



**Fig. 5. Biblioteca**



**Fig. 6. Refeitório**

O exterior das instalações, dispõe de um amplo espaço verde (fig.7) favorável à vivência de experiências lúdicas.



**Fig. 7. Espaço exterior**

A equipa educativa que trabalha diretamente com as crianças em idade pré-escolar é formada por duas educadoras de infância titulares do grupo de recrutamento. Existe ainda uma terapeuta da fala e, uma educadora especializada em terapia ocupacional, integradas na Equipa Local de Intervenção (ELI) que apoiam, uma vez por semana, três crianças da sala, sendo duas da terapia ocupacional e uma da terapia da fala. O pessoal não docente é composto por três Assistentes Operacionais, uma delas também é responsável pelas Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF), duas cozinheiras, duas tarefeiras, uma só cumpre atividades na cantina e a outra cumpre atividades na cantina e no prolongamento de horário. No jardim-de-infância frequentam 42 crianças na sala nº 1 (22 crianças) e, na sala nº 2 (22 crianças). O horário de funcionamento da instituição decorre das 9h15m às 15h30m, sendo prolongado na parte da manhã e na parte da tarde pelas Atividades de Animação e de Apoio à família (AAAF), das 8h às 9h15m e das 15h30m até às 18h30m.

## 2. Caracterização da sala de atividades /Rotinas

Fora da sala de atividade está um corredor de apoio aos pertences das crianças nomeadamente casacos e mochilas (fig.8).



**Fig. 8. Corredor dos cabides**

A sala de atividades (fig.9) tem um espaço amplo aproximadamente de 65m<sup>2</sup>, possui uma boa iluminação natural devido às janelas existentes, tem uma porta ao lado das janelas que dá acesso direto ao exterior, na sala existem ainda dois aquecedores elétricos.



**Fig. 9. Sala de atividades**

Foram delimitadas dez áreas de saber, com materiais adequados, procurando desenvolver a iniciativa, autonomia e as relações das crianças. A sala de atividades está organizada segundo o modelo High-Scope pois detém áreas de interesse evidenciando os materiais e a facilidade de locomoção entre as diferentes áreas. Também se encontra de acordo com Hohmann e Weikart (2009), as crianças ativas necessitam de espaços bem organizados e equipados com materiais que promovam aprendizagens educativas.

As dez áreas de atividade contemplam: área da modelagem; área do desenho; área da pintura; área da colagem; área da casinha; área dos jogos de chão: área dos jogos de mesa; área da biblioteca; área do quadro; área de material não estruturado (área da reciclagem), esta última é uma área recente, criada na sequência da implementação do Projeto de Empreendedorismo (a casinha da reciclagem) desenvolvido ao longo da PES II. Para uma melhor organização e gestão dos espaços as áreas encontravam-se definidas com número máximo de crianças.

Na área da modelagem, as crianças têm a oportunidade de desenvolver a criatividade e a motricidade fina através da manipulação da plasticina, valendo-se a diversos moldes e ferramentas, designadamente utensílios de corte e rolos. Na área do desenho, as crianças têm acesso a materiais de desenho, como folhas brancas, lápis de cor, lápis de cera, entre outros, permitindo a realização, desenhos orientados e livres. Na área da pintura, encontram-se diversas cores de tinta de guache e pincéis. Na área da colagem, as crianças têm acesso à cola, folhas brancas, revistas e outros tipos de materiais utilizados para

efetuarem as suas produções plásticas. As áreas mencionadas realizam-se na mesa grande (fig.10).



**Fig. 10. Mesa de atividades plásticas**

A área da casinha (fig.11) apresenta-se como a área mais ampla, integrando assim uma cozinha e um quarto. O quarto era composto por uma pequena cama, uma mesa-de-cabeceira, um roupeiro, um espelho, um bengaleiro, um espelho, e uma cómoda, possui também roupas, tábua de passar a ferro e variadas bonecas. A cozinha possui uma mesa com quatro cadeiras, um fogão, um armário de arrumações e diversos utensílios de cozinha. Todos estes utensílios estão adequados à escala das crianças, de modo a facultar a representação de papéis familiares e sociais e também experiências vivenciadas.



**Fig. 11. Área da casinha**

A área dos jogos de chão (fig.12) contempla vários materiais de encaixe, sobretudo carros e legos de diversos tamanhos e formas, para permitir a concretização de variadas

construções individualmente ou em grande grupo, fomentando assim a destreza manual, o raciocínio lógico e a imaginação. Este espaço conta ainda com figuras de plástico de animais de pequenas dimensões.



**Fig. 12. Área dos jogos do chão**

A área dos jogos de mesa (fig.13) apresenta-se como um espaço pequeno, reservado essencialmente a puzzles e vários jogos, dando oportunidade às crianças de desenvolver a criatividade, a imaginação e a destreza manual, facilitando a aquisição de competências nas mais variadas áreas mencionadas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE, 2016).



**Fig. 13. Área dos jogos de mesa**

No que respeita à área da biblioteca (fig.14), esta apresentava-se como um espaço com boa luz natural, dois sofás, duas almofadas e uma estante que serve de apoio à arrumação de livros variados. Esta área encontra-se num cantinho da sala, de forma a ficar um pouco

afastada relativamente às outras áreas com o intuito de proporcionar um ambiente mais calmo. Nesta área, as crianças podem manusear e consultar vários livros, contar histórias e inventar as suas próprias histórias, enquanto interpretam as gravuras dos livros. A mesma permite desenvolver a comunicação e a emergência da leitura.



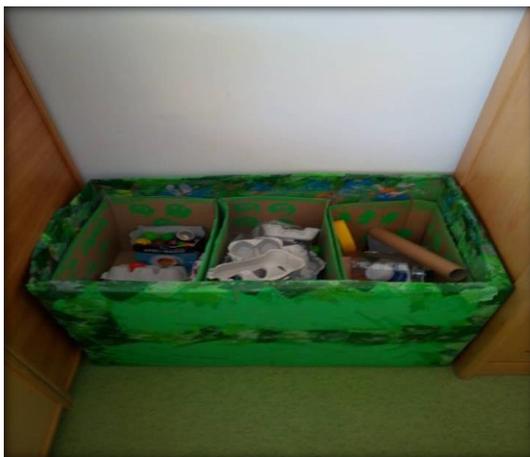
**Fig. 14. Área da biblioteca**

Ao lado da área dos jogos de chão encontra-se a área do quadro (fig.15), dirigida ao domínio da expressão plástica e motora.



**Fig. 15. Área do quadro**

Por último a área de materiais não estruturados (fig.16), área que não obedece um número limite de crianças, está direcionada para a escolha livre, podendo desta forma desenvolver a imaginação e criatividade associada a uma consciência ecológica,



**Fig. 16. Área do material não estruturado**

A organização destes espaços está de acordo com o enunciado nas OCEPE (2016) que se refere que “os espaços de educação no pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamentos, os materiais existentes e a forma como estão dispostos, condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender”(p. 37).

A existência destes espaços é salientada por Hohmann e Weikart (2009) que referem que as crianças precisam de espaço para que aprendam através das suas próprias ações. Esses espaços possibilitam à criança movimentar, construir, criar, experimentar, desenvolver momentos de faz de conta, trabalhar com os amigos, trabalhar sozinhas em pequeno e grande grupo.

Para uma melhor organização e gestão dos espaços as áreas encontravam-se definidas com número máximo de crianças.

Relativamente à organização do tempo, este obedecia a diferentes momentos que facultavam interações em grande e pequeno grupo, sendo desta forma a rotina diária crucial para que as crianças obtivessem consciência do tempo e das atividades. “Um tempo que contemple de forma equilibrada diversos ritmos e tipos de atividade, em diferentes situações individual, com outra criança, com um pequeno grupo, com todo o grupo e permita oportunidades de aprendizagem diversificadas”. (OCEPE, 2016, p. 30)

A organização do dia no JI era efetuada da seguinte forma: na parte da manhã dá-se início às rotinas diárias as quais “têm um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo/a educador/a e porque é

conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações”. (OCEPE, 2016, p. 29)

Com as crianças sentadas na grande mesa canta-se os bons dias e realiza-se um pequeno diálogo sobre as suas vivências, de modo a privilegiar momentos de partilha. Findo esse momento são marcadas as presenças, posteriormente “chefe da sala” realiza a contagem das presenças e das faltas, depois a temperatura do dia é verificada, por último é efetuada a marcação do numeral e do dia da semana bem como o mês e o ano.

Depois desse primeiro momento de acolhimento, iniciam-se as atividades previstas tendo especial atenção para as diferentes áreas do saber e sua articulação. Às 10h30m, as crianças lancham fazendo uma pausa nas atividades. Por volta das 10h45m realizam um intervalo no exterior se o tempo assim o permitisse, caso não permitisse é realizado no polivalente. Às 11h15m retomam às atividades previstas até 12h15m, finalizadas as atividades da manhã preparam-se para a hora do almoço que é realizado às 12h30m.

### **3. Caracterização do Grupo**

O grupo do pré-escolar acolhe um grupo heterogéneo de 22 crianças, sendo 12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, este encontra-se na faixa etária dos três aos cinco anos, dos quais são oito de três anos, oito de quatro anos e cinco de cinco anos, sendo três condicionais na entrada para o primeiro ciclo. Este grupo de crianças já frequenta o mesmo estabelecimento de ensino nos anos anteriores, com a exceção oito crianças com três anos. O grupo é heterogéneo, a nível de idades, de interesses e até mesmo de desenvolvimento. O grupo é curioso, bastante ativo e por sua vez muito irrequieto, assíduo e participativo em todas as atividades propostas, no entanto tinham algumas dificuldades de concentração, principalmente, quando acontecia as conversas em grande grupo. Mediante este grupo é necessário criar uma relação de “padrinhos e afilhados, sendo que cada criança mais nova possui um padrinho para o auxiliar nas rotinas e nas atividades propostas.

No que concerne à área de Formação Pessoal e Social, tal como nos refere as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), é uma área de extrema importância, pois, sendo transversal a todas as restantes áreas as “diversas aprendizagens enunciadas

nesta área são retomadas noutras áreas, entendendo-se essas aprendizagens como correspondendo a um processo progressivo que, realizado ao longo da educação pré-escolar, terá continuidade ao longo da vida” (OCEPE 2016, p. 38). Assim, verifica-se que as crianças manifestam diversas capacidades, uma vez que, eram capazes de realizar autonomamente a maioria das atividades, como a higiene pessoal, utilizar e manusear variados materiais e objetos; tomar as suas próprias decisões e escolhas, todavia algumas crianças de 3 anos ainda necessitam de algum apoio do adulto nos momentos de rotina diária, no entanto já estão a apropriar-se das dinâmicas da sala de atividades. Relativamente ao comportamento o grupo apresenta algumas atitudes que perturbam o bom funcionamento, tendo alguma dificuldade na aceitação e cumprimentos de regras, principalmente o grupo de três anos. No que diz respeito à relação com os outros, as crianças têm uma boa relação com os adultos, quer com as restantes crianças. A maioria do grupo de quatro e cinco anos é bastante participativo, no entanto, existem algumas crianças que apenas participam quando solicitadas, já o grupo de 3 anos participa muitas das vezes por imitação.

No que respeita ao Conhecimento do Mundo, o grupo demonstra conhecimento nos diferentes domínios, sendo que no conhecimento ambiental e social sentem-se mais à vontade, pois todas as crianças reconhecem a sua identidade e a do outro, sendo capazes de reconhecer as suas principais características, como o nome, a idade e o género. Para muitas das crianças é no jardim-de-infância que abordam pela primeira vez o desenvolvimento das ciências. Então, é através da exploração de diferentes e diversos materiais que as crianças começam a conhecer melhor o mundo. A brincar e a interagir com os outros, as crianças assimilam os conhecimentos e despertam para o mundo que as rodeia.

A área de Expressão e Comunicação divide-se em três domínios o das expressões, o da linguagem oral e abordagem à escrita e o da matemática, sendo que o domínio das expressões se subdivide nas expressões motora, plástica, dramática e musical. Relativamente ao domínio Educação Física, as crianças encontram-se na fase das habilidades motoras fundamentais (Gallahue & Ozmun, 2005). Assim, este grupo de crianças têm um médio desenvolvimento motor ao nível dos deslocamentos e equilíbrios,

trepando, correndo, saltando, rolando, entre outros, mas apresenta algumas dificuldades ao nível das perícias e manipulações, principalmente o grupo de 3 anos, atendendo à faixa etária que se encontram. Ao nível da motricidade fina, as crianças são capazes de pegar corretamente quer em lápis, marcadores ou pincéis, de rasgar ou dobrar papéis. No que concerne ao recorte, algumas crianças ainda mostram alguma dificuldade em cortar pela margem pretendida. No domínio da Expressão Dramática/Teatro, as atividades de jogo simbólico, na área do faz-de-conta, são procuradas por todas as crianças e demonstram muito entusiasmo em atividades deste carácter, embora em pequenos grupos têm tendência a se inibir. Nas Artes Visuais, as crianças de quatro e cinco anos, são capazes de representar graficamente as suas vivências ou outras situações, surpreendendo pela criatividade. O grupo em geral gosta de desenhar, recortar, pintar e colar. Ao nível da Música e da Dança, estas atividades são efetuadas pela professora da Academia de Música, no entanto apesar de não ser eu a planificar colaboro em todas as atividades planificadas pela professora especializada, estando eu sempre em formação constante, de modo que estas vivências são uma mais valia para o meu percurso académico. As crianças de uma forma em geral não apresentam grandes dificuldades, no entanto e devido a alguns comportamentos desajustados dos mais novos implicam a distração dos mais crescidos, porém, denota-se um agrado do grupo por estas sessões.

No que respeita à Linguagem Oral, a maior parte das crianças manifesta interesse na leitura das histórias e normalmente conseguem realizar o seu reconto com facilidade, expressam e utilizam o vocabulário de forma coerente e adequado da história, já as crianças de três ainda não conseguem realizar um reconto coerente da história. A maioria das crianças têm destreza na produção de rimas, na divisão silábica e na formação de novas palavras começadas pelo mesmo fonema.

No que respeita ao domínio da Matemática, a maior parte as crianças de quatro e cinco anos reconhecem a sequência numérica ordenada de forma crescente até 20, no entanto apenas cinco crianças associam o algarismo à respetiva quantidade; conseguem fazer operações simples, por cálculo mental, principalmente adições; participam em rotinas diárias preenchendo tabelas de entrada simples e dupla, elaboram gráficos de barras de presenças/faltas e participam com interesse em atividades de resolução de problemas.

Quase todas as crianças conseguem contar até cinco. Em suma, o grupo embora exiba algumas diferenças entre si expressa um bom nível de desenvolvimento para a idade em que se encontra.

Relativamente à origem familiar destas crianças, através das suas fichas de identificação e no cruzamento dos seguintes dados: idade dos pais, composição do agregado familiar, habilitações literárias, profissão, foi possível efetuar uma previsão do meio familiar educativo. Assim sendo, de acordo com a recolha de dados, apura-se que o grau de habilitações literárias dos ascendentes varia entre o 1º ciclo e o mestrado, nas mães varia entre o 1º ciclo e o mestrado, nos pais varia entre o primeiro ciclo e a licenciatura. As categorias profissionais dos pais são diversificadas (carpinteiro, pasteleiro, agente da Guarda Nacional Republicana (GNR), escriturária, professor, operária fabril, empregada de balcão, ...). Predomínio de um nível de pais que trabalham no sector de serviços e comércio. Todos os pais estão empregados com a exceção de apenas um se encontrar desempregado. O grupo é maioritariamente homogéneo a nível socioeconómico e cultural, situa-se num contexto social médio.

#### **4. Percurso da Intervenção Educativa no Pré-Escolar**

A PES II realizou-se num Jardim de Infância da rede pública, cinco dias por semana durante todas as manhãs num total de 14 semanas, das quais as duas primeiras semanas foram de observação, seguindo-se 12 semanas de regência alternada com o par pedagógico.

Com esta caracterização e nos momentos de observação foi conhecer o grupo, os diferentes níveis de desenvolvimento, os gostos e interesses, bem como as suas preferências, também foi possível observar as metodologias e estratégias adotadas pela educadora cooperante. Durante estes momentos de observação foi possível participar em algumas atividades proporcionadas pela educadora, dando-nos a conhecer que as atividades estavam bem organizadas e que as aprendizagens eram bem sucessivas.

Durante o período de intervenção foram desenvolvidas várias atividades tendo em conta as características individuais do grupo no ato de planear, para que estas fossem estimuladoras e proporcionassem aprendizagens significativas e diversificadas. As

atividades realizadas foram estruturadas de modo que todas as áreas de conteúdo fossem trabalhadas.

Podemos verificar na tabela seguinte uma análise às planificações das atividades diárias, e fazer uma análise quantitativa referente às áreas definidas pelas OCEPE (2016), o seguinte gráfico apresenta áreas de conteúdo trabalhadas.

**Tabela 1. Áreas de conteúdo abordadas**

Áreas de Conteúdo		Total de atividades abordadas	
Formação Pessoal e Social		4	
Conhecimento do Mundo		13	
Expressão e comunicação	Domínio da Educação Física	4	
	Domínio da Educação Artística	Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro	2
		Subdomínio da Música	12
		Subdomínio da Dança	2
		Subdomínio das artes visuais	20
	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	6	
Domínio da Matemática	5		

Como se pode verificar na tabela acima indicada, as áreas de conteúdo definidas nas OCEPE (2016) foram todas trabalhadas, no entanto a mais trabalhada foi a área de expressão e comunicação - domínio artístico - subdomínio das artes visuais, devido ao facto se destacar na concretização do trabalho de projeto desenvolvido, a menos trabalhada foi a dança, mas não se deixa de referir que este domínio foi muito trabalhado, durante o desenvolvimento da expressão motora, assim como em atividades livres, na sala de estágio ouvia-se por vezes música e as crianças gostavam muito de dançar autonomamente. Também nas atividades se deu muita importância à preservação da natureza nomeadamente a reciclagem e reutilização de materiais, pois a reutilização de materiais teve um contributo elevado na execução do que foi planeado no projeto.

## **CAPÍTULO II – O ESTUDO**

### **1. Enquadramento do Estudo**

Este capítulo integra o enquadramento do estudo desenvolvido ao longo da PES II, sendo que está dividido em cinco secções: a primeira secção engloba a contextualização e pertinência do estudo, os objetivos e as questões de investigação levantadas; a segunda secção integra a fundamentação teórica; a terceira, a metodologia adotada; a quarta secção refere-se à apresentação de resultados e a quinta à conclusão.

#### **1.1 Contextualização e Pertinência do Estudo**

Pertinência da Educação Artística na Educação Pré-Escolar voltada para a consciência ecológica, é um estudo realizado no contexto de estágio, que se observou que as crianças não estavam sensibilizadas para a separação dos resíduos utilizados bem como no domínio da educação artística, subdomínio das artes visuais, os trabalhos realizados pelas crianças não enquadram a utilização de materiais aos quais são chamamos de “lixo”, é importante mudar essas práticas pois na visão da literatura estão a ser realizadas de forma inadequada, e a pertinência da formação na atualidade e o que os atuais estudos nos dizem é que para desenvolvermos a consciência ecológica devemos ter o cuidado de rentabilizarmos o uso desses materiais e convenceremos outro destas necessidades. É pertinente realizar este estudo porque vai dar um contributo para a mudança de mentalidades, desenvolvendo a consciência ecológica e, desta forma o trabalhar com diferentes materiais do dia a dia que são considerados lixo, é dar uma utilidade aos mesmos e ao dar uma outra vida aos materiais torna-se fundamental ser realizado.

Com estes materiais podem ser realizados e potenciados diversos produtos/ trabalhos capazes de despertar no cidadão comum a necessidade de assumir um compromisso para com o ambiente.

Desde os primeiros anos é apresentada à criança a temática dos direitos e deveres de todo cidadão, mas o que muitas vezes é deixado de lado é “como” fazê-las cumprir. Sem dúvida, a preservação do meio ambiente é um dever de cada um, pois preservá-lo é preservar o futuro, e quanto mais cedo o tema for abordado com as crianças, maiores serão as

oportunidades de despertar a consciência pela preservação. Considerando que é fundamental para a sustentabilidade do Planeta em que vivemos o pré-escolar ter um papel indispensável no desenvolvimento da Consciência Ecológica, voltada para a questão de exploração de materiais de desperdício, materiais reciclados e materiais não estruturados tais como: caixas de ovos, embalagens de leite, copo de iogurtes, cápsulas de café entre outros. De forma a motivar e estimular as crianças pela importância de preservar o ambiente, recorri a atividades simples, práticas e à construção de uma estrutura tridimensional com materiais não estruturados. (casinha da reciclagem, construída com pacotes de leite). Como tal, a educação para uma vida sustentável deve começar já nos primeiros anos, sendo que o educador deve relacionar o conteúdo, à realidade para que haja sentido entre o que está sendo passado à criança, para poder ser colocado em prática.

## **1.2 Finalidades, Questões e objetivos de Estudo**

Este estudo foi desenvolvido com crianças em idade pré-escolar. Tem por finalidade o envolvimento das crianças em atividades distintas que promovam o desenvolvimento da criatividade usando como estratégia a Arte, bem como, atribuir importância à Educação Ambiental, tendo por base o reforço pelo processo de reciclagem e reutilização de materiais não estruturados em atividades plásticas. Porém no desenrolar das atividades identifica-se ações que decorrem na prática e regista-se as opiniões das crianças sobre como “ser amigo do meio ambiente”, ou seja, quais as práticas corretas que devemos ter, para mantermos um planeta limpo, e ainda, como podemos reutilizar materiais para produção de outros materiais.

### **1.2.1 Questões de Estudo**

No delineamento do estudo foram traçadas as seguintes questões:

- Como exploram as crianças os materiais não-estruturados que lhes são propostos?
- Através da reciclagem, em que medida a consciência ecológica contribui para a preservação do meio ambiente?

### **1.2.2 Objetivos de Estudo**

- a) Incentivar as crianças para a utilização de materiais não estruturados nas produções realizadas, promovendo a sua reutilização.
- b) Promover a reutilização de recursos e reduzir a produção de resíduos praticando a solidariedade.
- c) Verificar quais as evidências do trabalho desenvolvido no âmbito das artes plásticas nos desenhos das crianças.
- d) Sensibilizar as crianças acerca da temática da reciclagem.
- e) Consciencializar as crianças sobre a importância da separação do lixo e da utilização que fazemos deste, para a melhoria do meio ambiente.

## **2. Fundamentação Teórica**

Nesta secção do relatório será apresentada uma revisão da literatura que sustenta a problemática do estudo. Nesta fundamentação teórica serão analisadas as perspetivas de vários autores, de forma a sustentar a pertinência do presente estudo e do tema tratado.

### **2.1 Arte em material não estruturado**

#### **2.1.1 Artes Visuais na Educação Pré-escolar”.**

A arte é algo difícil de definir, segundo Reis (2003) que defende que considera a arte como um dos fenómenos humanos mais difícil de definir não só pela sua riqueza das suas características, como também pela forma como tem sido encarada aos longo dos tempos, já Sousa (2003) defende que a arte representa uma estrutura formal pelas leis da lógica, isto é, deve ser simples e objetiva. Barbosa (2002) vai ainda mais longe, evidenciando que o fundamental do significado de arte em educação é compreender que a arte abrange formas muito próprias de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, geradas por momentos em que estes interagem entre eles, com o mundo em que vivem e com os diversos sistemas que o compõe.

Embora se saiba que esta educação é muito enriquecedora no processo de ensino-aprendizagem das crianças, e mesmo enquanto indivíduos, esta ainda permanece de forma

bastante desvalorizada. Para muitos, a Educação Artística não passa de uma área que serve apenas de entretenimento. Para clarificar melhor esta ideia, Oliveira (2003, p. 40) exprime com clareza a forma como esta área é encarada, adiantando que a mesma é vista “na nossa sociedade mais como uma forma de distração, do que uma área que possui uma importância determinante para o desenvolvimento pessoal, social e cultural da criança.

Na Convenção sobre os Direitos da Criança, os art.º 29.º e 31.º designam como uma das funções da Educação “promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicas na medida das suas potencialidades” (art.º 29.º), o que demonstra a consciencialização da pedagogia ser voltada para as características específicas da cada criança e o ser baseada na sua curiosidade de aprender pelas vivências de culturais, artísticas e sociais da comunidade, nas quais tem o direito de “participar plenamente” de forma intencionalmente organizada e sustentada em atividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade” (art.º 31.º). Acredita-se que os artigos mencionados reforçam este estudo, na medida em que reafirmam o papel da Educação Pré-Escolar num conceito de promoção do desenvolvimento integrado e integral da criança assente num processo de ensino e de aprendizagem socio-construtivista. Nesta linha de pensamento, as Artes Visuais expressam por meio de materiais o pensamento do ser humano, assim como suas emoções, seus anseios, sua história, a cultura da qual faz parte e desenvolve a identidade de um povo ou até mesmo de uma classe social, como salienta Sousa (2003, p.31) “ Educação pela arte propõe o desenvolvimento da expressão artística, educação visa a formação de artistas profissionais e processa-se através do ensino artístico.

As artes estão presentes no quotidiano das crianças que se expressam, comunicam e demonstram os seus sentimentos, pensamentos e emoções pois as “Artes Visuais são formas de expressão artísticas que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura; a fotografia e outras, que sendo fundamentalmente captadas pela visão podem envolver outros sentidos” (OCEPE, 2016, p.49). As crianças podem expressarem-se por vários meios, entre eles: linhas, formas, rabiscar e desenhar no chão, na areia, usando diversos materiais que são encontrados por acaso pelas crianças. As Artes Visuais proporcionam experiências que levam a criança a agir para lá do pensamento, viajando pelo mundo através de numa simples imagem ou de um desenho. Em articulação com

outras áreas de conteúdo as Artes Visuais apoiam-se em diferentes expressões visuais (a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura e a fotografia) e em diversos materiais e códigos específicos, que lhe atribuem a particular identidade, enquanto forma de expressão. Neste sentido, as OCEPE (2016) destacam, neste subdomínio das Artes Visuais:

- A exploração de diversos materiais de diferentes tamanhos, cores e texturas, “de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação” (p.49); a utilização cuidadosa desses materiais (papel de diferentes dimensões e texturas, diferentes tipos de lápis como pastel seco, tintas de várias cores; carvão, plasticina, barro, e outros materiais moldáveis; etc.).

- A utilização de outro tipo de materiais de uso reutilizável (tecidos, embalagens, cartão, objetos naturais, papéis diversos, cápsulas, fios, botões, etc.), para lhes darmos uma nova utilização, logo um novo significado, “o que permite à criança começar a perceber que a arte e a vida são indissociáveis” (p.49), permitindo também desenvolver a imaginação e a criatividade.

- A exploração da cor (cores primárias e secundárias, mistura de cores), a textura (mole, rugosa), as formas geométricas (quadrado, retângulo, triângulo, círculo, etc.), as linhas (retas, curvas, verticais, horizontais), as tonalidades (claro, escuro), a figura humana (retrato, autorretrato) e a desproporção e a proporção natural.

- O respeito pelos colegas e pelos seus trabalhos, bem como pelo espaço.

A expressão artística está completamente relacionada com o desenvolvimento dos sentidos, e torna-se decisiva que, para além de observar, criar, experimentar, e executar observar, as crianças tenham oportunidade de apreciar, de dialogar, de partilhar as suas produções e observar a natureza, arquitetura, obras de arte, etc.). São várias as técnicas possíveis de serem desenvolvidas em contexto de Educação Pré-Escolar, tais como, a colagem, pintura, recorte, colagem, rasgagem, decalque, modelagem, escultura, construção de objetos bi e tridimensionais. É importante existir uma exploração e um diálogo entre as crianças e o educador acerca dos elementos visuais e a sua representação em diferentes formas visuais pois constituem meios de desenvolver a sua expressividade e sentido crítico, segundo as OCEPE (2016, p.49) “Este diálogo desperta na criança o desejo

de querer ver mais e de descobrir novos elementos”. Através desta reflexão a criança relaciona as suas vivências e conhecimentos com aquilo que analisa e observa desenvolvendo o seu sentido crítico e, posteriormente com aquilo que explora e constrói. Neste sentido, devemos proporcionar às crianças experiências que envolvam diferentes expressões visuais (pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada, filme, etc.) em diferentes contextos (museus, galerias, monumentos e outros centros de cultura) permitindo à criança a inserção na cultura do mundo a que pertence, aprendendo a criar e apreciar essas diferentes modalidades das artes visuais.

No período de crescimento da criança é decisivo proporcionar-lhe vivências que privilegiam, a par do desenvolvimento cognitivo, um desenvolvimento de uma imaginação criadora e um desenvolvimento harmonioso da sensibilidade e afetividade. De acordo com Santos (2008, p.112) a área da Arte vai “despertar na criança a necessidade de entreabrir a vida afetiva através da expressividade artística. E com o que consegue realizar, sendo embora obra transitória e logo esquecida, somente pelo imediato prazer de fazer, como num jogo, a criança cresce”.

Segundo Reis (2003) considera que a educação tem como principal objetivo promover qualidades adequadas à formação estética, pois um dos princípios fundamentais da educação pela arte é que o modo como se ensina seja formal e estético, e que através destes a criança consiga compreender os conhecimentos e as habilidades, a educação pela arte irá contribuir para a construção do “eu” no seu desenvolvimento, proporcionando a relação entre a criança e o mundo que a envolve, deste modo a criança tornar-se-á num indivíduo íntegro, autónomo, crítico e criativo.

Nesta ordem de ideias, é de notar que este tipo de educação não se cinge apenas a si mesma, isto é, deve estar inteiramente ligada com as outras aprendizagens que se encontram inseridas nas diferentes áreas curriculares. Só ao articulá-las podemos permitir que as crianças/ alunos aprendam melhor através de tudo aquilo que as rodeia. Nesta linha de pensamento, Sousa (2003) adianta-nos ainda que “uma educação eminentemente voltada para objetivos imediatos expressivos, contribui de modo muito significativo para a manutenção de uma vida mental saudável.

### 2.1.2 Criatividade

A palavra criatividade deriva de criar e criação. Mas é de destacar que criação e criatividade são dois conceitos diferentes, isto é, segundo Sousa (2003), quando nos referimos ao conceito de criação, reporta-nos para o surgimento de algo real de uma determinada coisa, uma obra que não existia, por uma ação decidida e consciente de um ser, enquanto a criatividade é uma capacidade, porém o autor salienta que uma vez que ambos os conceitos são diferentes, no entanto a criatividade tornar-se-á inútil se não conduzir a uma criação.

Para Vygotsky (1934), a criatividade é uma atividade que permite ao homem projetar-se no futuro, em que transforma em realidade, isto é, algo que nos faz sentir, pensar e atuar num projeto com fim produtivo. Mas, também e, segundo o mesmo autor, a criatividade é como uma função psicológica que é comum a todos. Nesta linha de pensamento e de acordo com Sternberg (2011), as pessoas são criativas em virtude de uma combinação especial de atributos de personalidade, inteligência e estilo cognitivo.

A criatividade para muitos autores é um conceito difícil de definir como refere Alencar (2007) pois a criatividade é um fenómeno complexo, multifacetado e plurideterminado que requer uma abstração do mundo sem nunca se perder o vínculo com a realidade. Efetivamente, Duffy (2004) salienta que, nos nossos dias, deve existir algum cuidado em encontrar definições de criatividade que: aproveitem ao máximo os talentos da criança; reconheçam que todas as crianças têm a capacidade de ser criativas e imaginativas; necessitam de oportunidades para brincar com as ideias; identifiquem a importância de um ambiente que estimule e valorize a criatividade. Nesta linha de pensamento também Robinson (2009) define criatividade como processo pelo qual obtemos ideias originais que “podemos ser imaginativos durante todo o dia sem que ninguém repare. Mas nunca diremos que alguém é criativo se essa pessoa nunca tiver feito nada. A criatividade é a imaginação aplicada”. (p.73).

Na Educação, a criatividade tem vindo a assumir um papel de relevo nas estratégias de ensino e aprendizagem, mas no respeitante às crianças, “a criatividade tem sido alvo de aceso debate na questão de saber se as produções infantis, podem ou não ser considerados trabalhos criativos” (Santos, 2003, p.101). É então fundamental que a criatividade da

criança precise ser estimulada e desenvolvida, como se fosse uma necessidade biológica desta, bem como todas as outras, com o intuito de passar do potencial para a ação. “há que o possibilitar, através de meios e motivações adequadas, a passagem deste poder criativo à acção criativa, ou seja, à criação” (p.196).

Se a criança tiver oportunidade de experienciar possibilidades de realização por si mesma, num ambiente de confiança e sem juízos de valor, explorar situações novas, sonhar e imaginar apreciando as sensações e articulando ideias, tornar-se-á o fruto desta formação nos primeiros anos de vida, bem como desenvolverá uma personalidade criativa, ao invés de alguém apenas repetidor de códigos da sociedade (Munari, 2007).

Assim sendo, a educação pré-escolar torna-se numa etapa importante de exploração livre e criativa, ambas intermediárias no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, para além disso contribuem para o desenvolvimento de competências necessárias para a formação de um ser autónomo capaz de viver em sociedade. A propósito, Santos e André (2012, p. 46) afirmam que “uma educação para a criatividade é absolutamente vital para desarmar as muitas armadilhas em que nos enredámos e para as quais não vislumbramos saídas”.

Na perspetiva de Ciccione (2014) os momentos de brincadeira livre devem ser, proporcionados pela equipa educativa, para que as crianças possam expressar as suas ideias, valores e representem o que são e o que acreditam, pois caso as crianças não se possam expressar livremente, pode implicar consequências desfavoráveis na formação da sua personalidade. A criança quando brinca tem o poder de tomar decisões, expressar sentimentos interagir com o outro, tal como no já foi dito anteriormente uma das técnicas desenvolvidas no pré-escolar é a construção de objetos tridimensionais e o uso de materiais recicláveis/não estruturados de forma proporcionar às crianças interações e vivências do quotidiano bem como as explorações livres de diferentes materiais.

### **2.1.3 Material não estruturado**

Desde muito cedo, as crianças demonstram interesse em experienciar situações e desenvolver explorações que contribuam para a construção da sua identidade pessoal, bem como a construção das suas aprendizagens. Neste sentido Horn (2004), salienta que a

criança tem a capacidade de se desenvolver e construir aprendizagens ao fortalecer ações partilhadas com outras crianças do seu meio próximo, apropriando-se progressivamente de saberes desenvolvidos em conjunto com os seus pares

A aprendizagem é entendida como consistindo numa mudança durável dos esquemas cognitivos e para que esse processo possa ocorrer é fundamental, como defende Piaget (1973), proporcionar às crianças oportunidades para transformarem os conhecimentos anteriores, no sentido de irem acedendo a formas progressivamente mais complexas de pensamento e comportamento. Daí ser importante ter em conta as potencialidades experienciais que os contextos em que as crianças se integram lhes oferecem do ponto de vista da sua aprendizagem e desenvolvimento. Aspeto que se torna ainda mais relevante se considerarmos que, como afirma Bronfenbrenner (2005), muitos dos materiais ou brinquedos que as crianças têm, hoje, à sua disposição não as desafiam à investigação, à manipulação, ao pensamento ou à atividade imaginativa. O mesmo autor alerta que é preciso ter em conta a influência que o contexto ecológico, em que cada um se integra, pode exercer na sua aprendizagem e desenvolvimento e vice-versa.

Os Materiais não estruturados podem ser muito variados (blocos de madeira, elementos da natureza, cones, rolos, caixas, entre outros) que através das intervenções das crianças, podem se transformar numa infinidade de brincadeiras. São aqueles que permitem que a criança exercite sua imaginação e inteligência, favorecendo os estímulos cognitivos e potencializando a exploração e o surgimento de novas habilidades. As crianças para brincarem utilizam diferentes tipos de materiais e objetos que muitos deles estão presentes no quotidiano das crianças. Por exemplo há inúmeras crianças que para brincarem selecionam tampas de plástico, palhinhas, cápsulas de café, em vez de escolherem brincar com brinquedos didáticos para a sua idade (Fortuna, 2000). Estes materiais são excelentes para que as crianças comecem a pensar de forma diferente, e exercitem todos os seus recursos internos, com a finalidade de ampliar suas percepções do mundo que as rodeia e de si mesmas, proporcionando vivências significativas. Além disso, quando a tarefa favorece liberdade criativa, a autonomia da criança é colocada em evidência, proporcionando segurança e motivação. Dada a sede de conhecimento que caracteriza a idade infantil, as crianças agem naturalmente numa contínua descoberta do

que as rodeia, explorando, observando, fazendo experiências e investigações acerca do seu Mundo. É certo, que o Educador deve propiciar às crianças a riqueza das experiências num momento em que o cérebro está pronto para receber, fazer conexões e assim utilizar essas informações (Goldschmied & Jackson, 2007, p. 114).

## **2.2 Educação para um desenvolvimento sustentável**

### **2.2.1 Educação Ambiental no pré-escolar**

O conceito de Educação Ambiental como referem Gonçalves et al. (2007), tem evoluído ao longo do tempo de acordo com o conhecimento e compreensão que o Homem tem sobre a globalidade dos efeitos a curto, médio e longo prazo das suas ações sobre o ambiente.

A Educação Ambiental parece cada vez mais ser considerada como um processo de relação entre o Homem e o ambiente que possibilite conciliar a sua conservação com um desenvolvimento que permita melhorar as condições de vida de todos. Na atualidade a temática educação ambiental está a ser muito abordada devido aos problemas ambientais existentes no planeta. Para minimizar estes problemas ambientais Guedes (2006) refere que temos de trabalhar na escola, a Educação Ambiental, pois em termos gerais estamos a retroceder na nossa qualidade de vida.

O contexto Educativo, deve ser organizado de modo a que a interação entre os adultos e crianças seja uma partilha de conhecimentos e um diálogo sobre a realidade que os envolva, permitindo às crianças o seu próprio desenvolvimento e aprendizagem (OCEPE, 2016). Deste modo, sendo o ser humano parte integrante do Meio Ambiente é fundamental que se trabalhe a Educação Ambiental na Educação Pré-escolar.

Segundo as OCEPE (2016), esta temática encontra-se inserida na área do Conhecimento do Mundo, mais propriamente na componente referente ao Conhecimento do Mundo Físico e Natural, que valoriza o contacto das crianças com a natureza, como forma de promover o desenvolvimento de uma consciencialização para a importância da preservação do ambiente e dos recursos naturais.

A Educação Ambiental segundo Almeida (2002) pode ser considerada um pouco complexa para se trabalhar com crianças tão pequenas, uma vez que estão subentendidos na mesma

alguns conceitos com elevado grau de generalização Porém, cabe ao educador identificar problemas possíveis de serem abordados com o grupo de crianças com que trabalha, partindo do meio mais próximo e com o qual contactam. Desta forma, estes problemas ao serem reais para as crianças, tornam mais fácil a sua compreensão e permite-lhes perceber que podem contribuir para modificar algo na sociedade.

O papel do educador é fundamental perante as crianças, pois deve cativar a atenção delas através de experiências positivas, proporcionando-lhes entusiasmo acerca desta temática e trabalhando os mais diversos conhecimentos de modo que seja possível agir mediante os problemas existentes e que nos rodeiam. Para além disso, de acordo com OCEPE (2016) o educador deve ter em atenção o rigor, quer ao nível dos processos desenvolvidos, quer dos conceitos apresentados de forma a não gerar perspetivas erradas que possam comprometer a estruturação do pensamento científico das crianças. O Pré-escolar é um contexto que permite desenvolver a formação da criança, sendo por isso, a partir da educação infantil que a criança começa a consciencializar-se das consequências que resultam do não cuidar do ambiente e da importância que é desenvolver comportamentos amigos do ambiente.

### **2.2.2 Reciclagem**

Reciclagem é o termo utilizado para o reaproveitamento de materiais, visando transformar matérias usados em novos materiais com vista à sua reutilização segundo a definição do Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto (LIPOR). Este é um termo que tem sido cada vez mais utilizado como alerta para a importância da preservação dos recursos naturais e do meio ambiente

A reciclagem é assim um conceito essencial da gestão de resíduos modernos e é o segundo estágio da hierarquia dos resíduos, surgindo imediatamente a seguir à prevenção. Hoje em dia, a reciclagem é indispensável para a conservação e melhoramento do meio ambiente, de acordo com a LIPOR muitos materiais já são reciclados, como por exemplo: o papel, vidro, metal e o plástico.

A Associação Nacional de Conservação da Natureza (QUERCUS) refere que a reciclagem traz bastantes vantagens como a minimização da utilização de fontes naturais, muitas vezes

não renováveis e a diminuição da quantidade de resíduos que necessita de tratamento final, tais como o aterro ou incineração. Deve-se sempre incentivar à realização de reciclagem, mas também entender que ela sozinha, não resolverá os problemas da sociedade e os impactos ambientais gerados sobre o meio ambiente, provocando assim alterações climáticas.

Na educação pré-escolar segundo as OCEPE (2016) pretende-se desenvolver ações que proporcionem a tomada de consciência, não só nas crianças como também em toda a comunidade educativa. É importante que atitudes individuais ou coletivas realizadas enquanto cidadão possam de certa forma melhorar o ambiente global.

### **2.2.3 Sustentabilidade**

O desenvolvimento sustentável está hoje na ordem do dia e reúne vastos consensos em torno de o tornar uma prioridade para a ação humana do século XXI. referem Folque e Melo (2017).

Considera-se que a sustentabilidade é um meio de configurar a civilização e a atividade humana, de tal forma que a sociedade possa preencher as suas necessidades e expressar o seu maior potencial no presente, de acordo com Silva (2009) explica que o interesse por sustentabilidade se originou durante a década de 1980, a partir da conscientização dos países em descobrir formas de promover o crescimento sem destruir o meio ambiente, nem sacrificar o bem estar das futuras gerações. Desde então, o termo transformou-se num cenário para causas sociais e ambientais realizando assim um tratado pela United Nations Framework Convention Climate Change (UNFCCC), o tratado foi negociado e adotado pelas partes em Quioto, no Japão, em 11 de dezembro de 1997 e entrou em vigor em 16 de fevereiro de 2005, quando atingiu a meta de 50% de ratificações dentre os 84 signatários originais. O Protocolo teve por base as premissas comprovadas pela ciência de que o aquecimento global é um fato real e que é provocado pela ação humana, e sugeriu um calendário pelo qual os participantes deviam reduzir as emissões globais no período entre 2008 e 2012, embora a meta de redução seja coletiva, foram atribuídas a cada país metas altas ou mais baixas, no entanto as limitações de emissões não foram suficientes, pelo contrario, os níveis de dióxido de carbono na atmosfera aumentaram, sem nenhum

sinal de desaceleração. As temperaturas globais continuam a aumentar, verificando-se que é necessário realizar novas ações sendo que o Protocolo de Quioto viu a sua duração estendida em 8 de dezembro de 2013, durante a COP 18: (Conferencia Climática da ONU) em Doha, Qatar, os membros concordaram que o segundo compromisso se estenderá entre 2013 e 2020.

No pré-escolar a ideia fulcral é que as crianças possam logo na infância ter oportunidades de aprender, permitindo assim participar na construção dum mundo sustentável. Assim, trata-se de apoiar as crianças a desenvolverem disposições de aprendizagem, mas sobretudo de apoiar as crianças a uma cidadania ativa. Vemos com especial interesse que este cuidado se constitui também como uma aprendizagem explícita nas OCEPE para as crianças “...cuidados com os mais novos, apoio dos mais velhos” (p.28) e especificamente interligando a área do conhecimento do mundo com a área de formação pessoal e social. “A abordagem ao Conhecimento do Mundo implica também o desenvolvimento de atitudes positivas na relação com os outros, nos cuidados consigo próprio, e a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e pela cultura, evidenciando-se assim a sua inter-relação com a área de Formação Pessoal e Social.” (OCEPE, 2016, p. 85). Por outro lado, queremos realçar o facto de as OCEPE assumirem uma perspetiva sistémica e ecológica, que nos dias de hoje ganha novo significado, assumindo claramente o trabalho com as famílias e com a comunidade educativa.

### **3 Metodologia**

A Metodologia de Trabalho de Projeto é o aspeto pedagógico que está patente na sala de educação pré-escolar onde se realizou o estágio e, por esta razão se tornou num dos aspeto mais significativos da prática pedagógica desenvolvida e se fez predominar na realização do presente ponto do relatório. Ao longo do tempo de estágio foi desenvolvido um projeto e para fazer algum sentido ao tema foi realizado outros projetos em simultâneo e em paralelo com outras atividades realizadas em sala o que permitiu “intensificar aquilo que as crianças apreendem com outras partes do currículo” (Katz & Chard, 2009, p. 20). Considera-se então essencial demonstrar, a fundamentação desta metodologia, o processo realizado e o produto alcançado, pois como os autores referem esta metodologia tem-se

revelado eficaz no sentido de encontrar respostas pedagogicamente adequadas à criança tomada como investigadora nata.

### **3.1 Fundamentação Metodológica**

A Metodologia de Trabalho de Projeto (MTP) é uma mais valia no que diz respeito à concretização dos objetivos definidos, seja na ótica do educador ou na ótica da criança. É importante que se compreenda que, ao incluir esta metodologia no currículo de um grupo, se promove o desenvolvimento intelectual das crianças, ao envolver as suas mentes em atividades de observação e investigação de factos retirados da sua experiência do quotidiano e do seu meio ambiente” (Katz & Chard, 2009, p.3). Esta metodologia engloba muitos intervenientes no seu processo: crianças; equipa educativa e famílias, valorizando saberes e experiências.

A MTP tem como suporte e como refere Formosinho (2007) dar a possibilidade às crianças, educadores e famílias de se envolverem em projetos que emergem do interesse do quotidiano e da cultura envolvente. De acordo com Serralha (2009) a adequação dos conhecimentos decorre do envolvimento das crianças em projetos cooperados de investigação, que elas próprias desencadeiam para dar continuidade à experiência vivida, ampliando-lhes as compreensões desses saberes que trazem do quotidiano, dando responsabilidade às crianças. Marques (2001), refere que entendia que não fazia sentido separar o conhecimento da ação, e que a motivação da criança dependia da existência de uma relação entre os meios e os fins.

Defende Serralha (2009) que a MTP assenta numa gestão cooperativa, na qual todos são responsáveis por todos, para além de avaliarem e planificarem juntos atividades que desenvolvem, compartilham ideias e recursos e oferecem-se uns aos outros como apoio à resolução cooperada de problemas, com que se enfrentam no trabalho e nas relações sociais que naturalmente estabelecem na ação conjunta que realizam.

Pretende-se conceber e implementar atividades que abordem todas as áreas de conteúdo, no qual os objetivos é proporcionarem igualdade de oportunidades para a aprendizagem de todas as crianças, mesmo sendo um grupo heterogéneo, promove-se e valoriza-se as suas características e competências adquiridas para além disto é importante promover

uma aprendizagem cooperativa, segura e positiva pela ação, dependendo das interações positivas entre adultos e crianças, como sugerem Hohmann e Weikart (2007), este estilo de interação permite à criança expressar com liberdade e confiança os seus pensamentos e sentimentos. De acordo com Qualidade e Projeto na educação pré-escolar, o projeto deverá corresponder a uma iniciativa das crianças, tendo como partida os seus interesses ou através de uma situação imprevista que desperta a sua curiosidade.

A partir do trabalho de projeto é possível promover não só o conhecimento relativo ao próprio tema do projeto, mas também outros conhecimentos que se interligam e emergem a partir deste. Desta forma, segundo Vasconcelos (2011), salientam que o trabalho de projeto não só incentiva a criança a tornar-se investigadora, como, ainda, conduz à ligação entre as diferentes áreas do saber, ou seja, “a interdisciplinaridade no sentido da inter-relação dos saberes” (p.20).

Segundo Vasconcelos (2011), a introdução da metodologia de trabalho de projeto desde os primeiros de vida é muito importante, pois promove propostas de qualidade para a educação de infância e menciona que “as crianças colocam questões, resolvem problemas e buscam um sentido para o mundo que as rodeia, desenvolvendo a capacidade de continuar a aprender” (p.11). Na perspetiva de Fernandes (2009), a organização do trabalho de aprendizagem num sistema de cooperação educativa, “o modelo pedagógico que o Movimento da Escola Moderna (MEM) preconiza, revela-se como a melhor estrutura social para a aquisição de competências”, o sucesso de uma criança, contribui para o sucesso do conjunto dos membros do grupo. A aprendizagem só se torna possível se existir uma organização cooperada de todo o trabalhado de aprendizagem, “num clima social de liberdade, onde as crianças possam expressar os seus pontos de vista e confrontá-los com os seus pares e com a informação disponível” (p. 19).

Em suma a MTP atravessa a multiplicidade das dimensões das nossas vidas, englobando muitos intervenientes no seu processo, crianças, equipa educativa e famílias, valorizando saberes e experiências, o aumento do conhecimento científico, fomentando a aprendizagem cooperativa de forma a estimular a criatividade. Segundo Vasconcelos (2011), a introdução da metodologia de trabalho de projeto desde os primeiros de vida é muito importante, pois promove propostas de qualidade para a educação de infância.

### **3.1.1 Fases da Metodologia de Trabalho de Projeto**

A MTP está definida por diferentes fases no processo de aprendizagem através de projetos. Segundo Vasconcelos (2011) podemos encontrar quatro fases distintas nesta abordagem: definição do problema, planificação e desenvolvimento do trabalho, execução, avaliação e divulgação. Estas serão desenvolvidas de seguida.

#### **(i) Fase - 1: Definição do Problema**

Os projetos podem começar de várias formas uns podem partir de interesses das crianças, outros de problemáticas que o educador tem como pertinente e outros de um tema que o educador e as crianças têm em comum. Existem diversos pontos de partida que dão início a um projeto, todavia devem salvaguardar a importância de irem ao encontro e interesse das crianças.

De acordo com Katz e Chard, (2009) nesta primeira fase é importante “criar uma base de trabalho comum a todas as crianças envolvidas e a partir de informações, ideias e experiências que as crianças já possuem sobre o tema pode-se encontrar um caminho para o desenvolvimento do projeto.

O tema não surgiu, assim, de uma dúvida por parte das crianças, mas antes de uma necessidade/interesse observado, pois na sala de atividades por um lado não havia ecopontos para a separação do lixo, por outro lado não havia uma área na qual as crianças pudessem explorar/utilizar materiais não estruturados e realizar pequenos e grandes projetos com o mesmo material. Contudo, como afirmam Katz e Chard (2009, p.102), “alguns projectos têm início quando o educador de infância apresenta um tema” e, neste caso, concreto o tema foi apresentada às crianças com uma leitura de uma história do “Capitão Mão Verde” que retrata a consciencialização para um ambiente saudável.

Após o momento de leitura da história do “Capitão mão verde, o Super Herói da Reciclagem”, realizou-se uma “discussão preliminar” (Katz & Chard, 2009, p.150) e, que teve como intuito compreender os conhecimentos que as crianças já têm sobre o tema reciclar/reutilizar, bem como o que estas gostariam de aprender ou realizar. Esta conversa aprofundada sobre o tema acaba por ser, também, uma forma do educador ter consciência dos conhecimentos referentes ao tema que cada criança já possui (Katz & Chard, 2009). No

debate com as crianças, foi sugerido por uma delas que se deveria construir uma casinha para o Capitão Mão Verde descansar, utilizando o material não estruturado, sendo que a ideia foi brilhante e de encontro ao tema da Consciência Ecológica.

Depois deste diálogo encontrei o tópico do projeto que foi sugerido pelo interesse das crianças, e em concordância com o meu par de estágio, pelo orientador do estágio e pela educadora cooperante, o trabalho foi assumido como um projeto a ser desenvolvido ao longo da PES II. O projeto em questão é a execução de uma casinha tridimensional com pacotes de leite.

## **(ii) Fase 2 - Planificação e Desenvolvimento do Trabalho**

Nesta fase a planificação torna-se uma previsão do que se irá fazer, criando assim flexibilidade no planeamento. “Planear, então, aponta-nos para a flexibilidade e multiplicidade de possibilidades e não para a unidireccionalidade de uma planificação tradicional e linear” (Vasconcelos, 2011, p. 15). Assim ao longo do projeto esta planificação pode ser alterada, por diversas razões pois o interesse das crianças pode seguir outro caminho, porque as atividades planeadas não se ajustam ao que as crianças procuram, entre outras.

No decorrer desta fase dá-se a concretização de todas as atividades e propostas elaboradas pelas crianças. O papel do educador é, no fundo, apoiar as crianças e as atividades, seja através da disponibilização dos materiais necessários seja através de sugestões para que tudo ocorra de forma mais fácil e adequada às crianças (Katz & Chard, 2009). Desta forma, a partir do trabalho realizado, as crianças irão recolher as novas informações que vão descobrindo, aprofundando o seu conhecimento sobre o tema em desenvolvimento. Durante esta fase, nos momentos da hora do conto, as crianças tomam consciência dos problemas ambientais de tal forma que os registam nos desenhos, realizadas produções dos diversos momentos e das aprendizagens realizadas, às quais se pretende dar resposta ao longo da execução do projeto.

Numa outra fase, os pais devem ser informados sobre o projeto e deverão ser solicitados no envio de materiais não estruturados, uma vez que as suas contribuições serão uma mais-valia para o projeto. Apresenta-se em baixo a informação enviada aos pais.

#### Informação

Olá Pais,

Estamos a implementar uma nova área na sala de atividades, que se vai chamar a “Área de Material Não Estruturado”, precisamos que em casa façam uma seleção desses materiais ( tampinhas, cápsulas de café, rolhas, botões, rolos de cartão, revistas, jornais, pacotes de leite,...) e para além disso também vamos construir uma “Casinha” com pacotes de leite e como tal solicitamos a vossa colaboração no envio desses materiais, pois o vosso contributo é muito importante para nós e para o Planeta..

Através desta informação todos os pais deram o seu contributo para a implementação desta nova área e para a construção da “Casinha”, a par deste contributo os pais também mostraram curiosidade e interesse, fazendo questões sobre o projeto. Na prática, esta fase as crianças mostram-se muito empolgadas em participar, dado que podem colocar em prática tudo o que tinha sido conversado em grande grupo, nomeadamente a reutilização de materiais não estruturados e a consciencialização ambiental.

#### **(iii) Fase 3 -Execução do Projeto**

Durante esta fase, segundo Katz e Chard (2009) é importante que o educador promova a aquisição de novas informações e conhecimentos, tentando dar resposta às questões e dúvidas levantadas sobre o tópico do projeto na fase inicial, sendo este o principal objetivo. A procura de respostas ao problema que foi levantado inicialmente, segue um caminho claro e que deve ser trabalhado consoante o interesse das crianças. Ou seja, o caminho deverá ser projetado de acordo com as questões que o problema levanta às mesmas, isto porque “como os temas dos projectos são extraídos...dos interesses das crianças, os conhecimentos e os entendimentos adquiridos podem ter para elas uma relevância cultural real.” (Katz & Chard, 2009, p.82)

Nesta fase “aprofundam a informação obtida, discutindo e construindo objetos de grandes dimensões, criando a realidade do que está a ser investigado, conseguindo representar os conhecimentos que vão sendo adquiridos ao longo desta fase Durante a execução do projeto realizam atividades diversificadas, tais como a produção de desenhos, pinturas, construções, colagens, contagem dos pacotes de leite, entre outras.

#### **(iv) Fase 4 - Avaliação e Divulgação do Projeto**

Esta é a última fase de um projeto, Vasconcelos (2011, p17) menciona-a como a “fase da socialização do saber” É a fase que permite a avaliação do projeto e a divulgação para

diferentes pessoas: pais, encarregados de educação e outras salas do Jardim de Infância Como mencionam Rangel e Gonçalves (2010) “todo o trabalho deve resultar num produto final socializável” (p.23).

Um aspeto muito importante é que as crianças participem, de forma ativa, na documentação das suas vivências e aprendizagens, sendo esta uma oportunidade para consolidar os conhecimentos que foram adquiridos ao longo do projeto (Katz & Chard, 2009). É propício uma conversa em grande grupo para que se possa rever tudo o que foi realizado em cada fase. Existem diversas formas de divulgação de projetos. As crianças têm a responsabilidade de decidir de que forma o querem fazer ou como se sentem mais confortáveis.

As crianças decidiram convidar os seus familiares e colegas da outra Sala do JI, tendo assim oportunidade para mostrar e explicar tudo o que aprenderam e todos os passos que foram dados para a concretização do projeto. O convite foi realizado com material não estruturado, nomeadamente pacotes de leite. Cada criança realizou um desenho da “Casinha” já concluída, ditaram o texto do convite e depois foi colado numa das partes do pacote de leite. Esta documentação, de acordo com Vasconcelos (2011), é uma forma de compilar todos os momentos que aconteceram ao longo da concretização do projeto sendo possível identificar as aprendizagens realizadas pelas crianças.

A outra sala de jardim e os respetivos familiares estiveram presentes na inauguração do projeto da “Casinha”, este momento tão desejado pelas crianças, ocorreu da melhor maneira, pois as crianças com a minha colaboração conseguiram expor os conhecimentos adquiridos ao longo do projeto e explicar as atividades realizadas para alcançar aprendizagens relativas ao tópico do projeto a “Casinha”, que permitiu a consolidação de conhecimentos. Através desta consegui, de uma forma indireta, avaliar o projeto, isto porque algumas questões foram levantadas pelos convidados e o grupo, no geral, conseguiu responder corretamente às questões. Ainda assim, pretendi que o grupo abordasse as diferentes fases do projeto explicando-as e através desta dinâmica essa avaliação também pôde ser feita. No fim da apresentação do projeto foi dado espaço aos convidados para formularem questões, no entanto não houve questões, os convidados mencionaram que se sentiram esclarecidos com todo o diálogo que envolveu a

apresentação. No final a outra Sala de Jardim de Infância organizou uma surpresa para as crianças empreendedoras, e preparou-lhes um “miminho” como forma de agradecimento deste grande feito.

No que respeita a avaliação, considero que “na conclusão de qualquer projecto é útil para as crianças e para o educador refletirem” (Katz & Chard, 2009, p.190) sobre todo o processo vivenciado. Assim, a avaliação é um ponto crucial no encerramento do projeto e que não deverá ser realizada somente nesta fase, mas sim ao longo de todo o projeto o que permitirá espelhar o trabalho desenvolvido. Além disso, o educador deve ter em conta “o desempenho e evolução da criança ou o seu contributo específico para o projecto” (Vasconcelos, p. 17) bem como a sua opinião quanto ao projeto e ao que mais gostou de realizar, para poder refletir sobre a avaliação.

Deste modo, a avaliação do projeto “A Casinha” foi realizada tendo em conta tudo o que foi observado: por mim; par de estágio; orientador da ESE; educadora cooperante e pelas afirmações e comentários das crianças e respetivos pais. Desta forma posso referir que este projeto teve uma grande impacto nas crianças e nas respetivas famílias, pois o objetivo primordial deste projeto foi promover atividades lúdicas e pedagógicas desenvolvendo a consciência ecológica, e o que se concluiu é que a essa consciência foi aumentando gradualmente, pois mencionavam constantemente que brincavam em casa com o material não estruturado, que faziam a separação do lixo, e que até iam construir também uma “Casinha” em casa. Constata-se que os relatos destas ações, são também o reflexo de todo trabalho realizado em sala de atividades e que constituem uma consciência global das questões ambientais, formando assim cidadão conscientes.

Os pais participaram ativamente nas tarefas que lhes eram solicitadas e, sempre que lhes era possível deslocavam-se ao mostrando-se sempre disponíveis, agradados, repletos de sorrisos, e sempre com uma palavra amiga e um elogio para dar. Este envolvimento das famílias assumiu um papel de particular relevo e, uma valorização das práticas pedagógicas praticadas no jardim de infância.

O projeto da “Casinha” foi divulgado na página das redes sociais do Agrupamento de escolas, referindo que as crianças foram empreendedoras e consciencioso com o meio

ambiente. Posso referir que neste momento a casinha está a necessitar de uns pequenos arranjos, e sinal de que as crianças estão a dar uso em seu benefício, explorando a mesma.

### 3.2 Participantes

Este estudo desenvolveu-se num grupo de crianças de uma sala de jardim-de-infância de Viana do Castelo. A organização no contexto educativo diz respeito” às condições de interação entre os diferentes intervenientes – entre crianças, entre crianças e adultos e entre adultos. O grupo de participantes deste estudo é constituído por vinte e duas crianças, com idades compreendidas entre os três e os cinco anos, tratando-se assim de um grupo heterogéneo. Na tabela 2 apresenta-se os dados referentes a estes participantes quanto ao género e às idades.

**Tabela 2. Participantes do Estudo**

Idade	Género	Código das crianças	Número de crianças	Total
3 anos	Feminino	AB; AC; AD	3	9
	Masculino	AE; AF; AG; AH; AI; AJ	6	
4 anos	Feminino	BA; BB; BC; BD; BE	5	8
	Masculino	BF; BG; BH	3	
5 anos	Feminino	CA; CB; CC	3	5
	Masculino	CD; CE	2	
Total				22

Partindo da informação acima organizada constatamos que quanto ao género encontram-se em número igual, onde existem onze meninos e onze meninas. A nível da faixa etária temos nove crianças com três anos de idade e 8 crianças com quatro anos de idade e 5 crianças de cinco anos. Relativamente, aos códigos das crianças existentes nesta tabela estes foram realizados com a intenção de garantir o anonimato dos participantes, a sua construção está devidamente explícita no parâmetro das questões éticas face a esta investigação. O grupo de crianças participou ativamente neste projeto, de modo a poder

afirmar que este é um grupo participativo que revela interesse, empenho e motivação nas atividades que lhes são desafiadas, no entanto como havia um grande número de crianças de 3 anos os “padrinhos” prestavam apoio aos seus “afilhados”.

Por fim, este projeto contou com a participação, da educadora cooperante, dos pais e, restante comunidade familiar dos participantes.

### **3.3 Recolha de dados**

Para que este estudo fosse convenientemente analisado foram perccionados os diferentes instrumentos de recolha de dados. Desta forma pode-se analisar as particularidades que cada instrumento incorpora. Os instrumentos utilizados foram especificadamente: registos audiovisuais (filmagens e fotos), registos gráficos e notas de campo. Este método é um processo que é contínuo, desenvolvido passo a passo num período seguido possibilitando assim a reflexão sobre a ação, que neste estudo se contextualizam na sala das atividades bem como o envolvimento parental.

#### **3.3.1 Registo audiovisuais**

Este instrumento teve a permissão dos pais e encarregados de educação, pois esta recolha é para fins de investigar o grupo. Os registos audiovisuais possibilitam ao investigador ter noções mais pormenorizadas das atividades desenvolvidas pelas crianças e posteriormente visualizar as mesmas para a recolha de dados. Segundo o ponto de vista de Moura (2003) este registo permite ao investigador recordar e perceber o contexto e o ambiente de uma certa ação. As filmagens permitem contemplar comportamentos e atitudes, que no momento pode não ser possível captar, e assim deste modo ficam registadas, bem como algumas reações das crianças, os seus comentários a diversas situações ou mesmo pormenores que permitam uma análise mais detalhada. Os registos fotográficos, são fundamentais para que neles fiquem considerados momentos das intervenções, como trabalhos realizados pelas crianças, e o envolvimento das mesmas nas atividades propostas. Segundo Bogdan e Biklen (1994) “as fotografias dão-nos fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizadas para compreender o subjetivo e são frequentemente analisadas intuitivamente” (p.183).

### **3.3.2 Registo gráficos**

Os registos gráficos são instrumentos muito importantes, pois as ideias das crianças e os seus registos individuais, a pares ou em grupo ditam alguns dos efeitos das intervenções educativas. Nesse sentido, foi importante que ao longo do estudo se recorresse a este tipo de instrumento. Segundo Vygotsky (1934) na obra “Pensamento e Linguagem”, a criança não desenha aquilo que vê, mas sim o que sabe a respeito dos objetos. O desenho é interpretado como um estágio preliminar do desenvolvimento da escrita, tendo ambas as mesmas origens de construção: a linguagem falada. A informação sobre o desenvolvimento da capacidade para construir o significado, ajuda os educadores a manter as portas da aprendizagem artísticas, como um meio de expressão para todas as crianças (Gândara, 1987).

### **3.4.3 Notas de campo**

Este é um instrumento que permite registar as ações importantes, nomeadamente frases que as crianças tenham dito, assim como reações que possam ter sobre o projeto, até nos momentos de brincadeira no recreio são muito importantes, a termo de exemplo as crianças muitas vezes relatam nas suas brincadeiras as aprendizagens adquiridas e mencionam o que gostam e não gostam de realizar em sala e, são estes momentos inesperados que se consegue ter a perceção do impacto do projeto. Bogdan & Biklen (1994) descrevem as notas de campo como sendo relatos escritos que o investigador regista, sobre as situações observadas, escutadas e o que reflete ao mesmo tempo, sobre os dados qualitativos identificados no processo de recolha. Deste modo este instrumento permite ao investigador ter a capacidade de refletir e registar essas ideias no decorrer do projeto.

## **3.4 Plano de ação**

Para este estudo foram pensadas várias atividades enquadradas na temática “arte e ambiente”. Tendo como objetivo principal promover práticas que contribuam para que as crianças desenvolvam atitudes, comportamentos e conhecimentos facilitadores da construção de uma melhor qualidade de vida ambiental, a partir de experiências enriquecedoras, que lhes permitissem ser mais responsáveis pelo meio ambiente, e tendo

em conta o grupo em questão, foram realizadas um leque de atividades onde pretende recorrer-se, essencialmente, ao lúdico e à imaginação, a fim de reforçar saberes e motivar o grupo para a temática. Nesse sentido, na tabela seguinte (tabela 2), são apresentadas todas as atividades que se pretende realizar ao longo do estudo, assim como a calendarização das atividades e a duração prevista para a concretização das mesmas.

**Tabela 3. Plano de ação**

	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.
Enquadramento Teórico									
Metodologia									
Recolha de dados									
Descrição das atividades									
Realização de atividades									
Análise de dados									
Elaboração do relatório									

### 3.5 Atividades de investigação

As atividades a desenvolver tem como principal objetivo dar resposta às questões de investigação deste estudo. De seguida são apresentadas todas as atividades postas em prática com o grupo, sendo apresentada uma síntese de cada atividade e enumerados os objetivos e os materiais utilizados. As atividades realizadas intitulam-se: “Uma nova missão”, “Vamos explorar e separar”, “Papel Reciclado”, “Postais de Natal”, “Sofá para o Capitão Mão Verde”, “Casinha da Reciclagem”. Todas estas atividades tiveram um fio de condutor entre elas e todas com um dos objetivos em comum a desenvolver a “Consciência ecológica”.

#### 1ª atividade: “Uma nova missão”

##### Objetivos:

- ✓ Promover a aquisição de conhecimentos, valores e atitudes sobre o meio ambiente;

- ✓ Conscientizar para os problemas ambientais;
- ✓ Incentivar as crianças a desenharem, estimulando a sua criatividade, a sua sensibilidade estética e a sua motricidade fina.

**Avaliação:**

- ✓ Adquire consciência ecológica com o meio ambiente;
- ✓ Mostra as evidências através do desenho.

**Materiais:**

- ✓ História “Capitão mão verde”;
- ✓ Folha de registo;
- ✓ Lápis de cor.

**Síntese:**

A exploração da história “Capitão Mão Verde” refere-se à narração de uma história intitulada de “Capitão Mão Verde – Super Herói da Reciclagem” e, posteriormente um debate de ideias sobre as boas e más práticas realizadas pelas personagens da história, de forma a consolidar o tema, as crianças são convidadas a realizar um desenho gráfico que mencionem a passagem que eles acharam mais importante de registar.

**2ª Atividade: “Vamos explorar e separar”**

**Objetivos:**

- ✓ Promover hábitos de utilização de materiais não estruturados;
- ✓ Fomentar o desenvolvimento pensamento divergente;
- ✓ Reutilizar os materiais não estruturados.
- ✓ Partilhar ideias.

**Avaliação:**

- ✓ Explora os materiais;
- ✓ Realiza produções criativas;
- ✓ Reflexiona sobre construções que poderiam efetuar;
- ✓ Reutiliza os materiais.

**Materiais:**

- ✓ Caixas de ovos;
- ✓ Cápsulas de café;
- ✓ Colheres de plástico;
- ✓ Tampas de garrafas;
- ✓ Botões;
- ✓ Pacotes de leite;
- ✓ Cones de linhas.

**Síntese:**

Nesta atividade pretende-se apresentar e introduzir nas atividades livres e ou orientadas, os materiais não estruturados que teriam como destino o “lixo”, permitindo assim uma consciência ecológica e para além disso, experiências e aprendizagens diferentes do seu dia a dia. Neste sentido desafia-se a criatividade e imaginação de forma a dar uso e outras interpretações com diferentes tipos de materiais.

**3ª Atividade: “Papel reciclado”****- Primeira fase****Objetivos:**

- ✓ Vivenciar momentos de apreciação da produção de papel reciclado;
- ✓ Desenvolver a consciência ambiental;
- ✓ Manifestar preocupação com a preservação da natureza;
- ✓ Evitar o desperdício, por meio da reutilização do papel.

**Avaliação:**

- ✓ Adquire novos saberes/conhecimentos sobre a reciclagem de papel;
- ✓ Reutiliza papel;
- ✓ Protege o ambiente.

**Materiais:**

- ✓ Vídeo da realização de papel reciclado;
- ✓ Papel danificado;
- ✓ Jornais;
- ✓ Água;
- ✓ Corante;
- ✓ Bacia;
- ✓ Cola;
- ✓ Vinagre.

**Síntese:**

Nesta primeira fase da atividade, as crianças irão visualizar um vídeo sobre a importância de reciclar papel e todas as etapas da execução do mesmo.

Posteriormente pretende-se que as crianças também executem folhas de papel reciclado. Inicialmente preparem a pasta de papel e, como tal terão de rasgar papel (inutilizado) em pedacinhos muito pequenos e, quando já detiverem uma quantidade razoável de papel já rasgado, adicionam água e trituram com as mãos até ficar uma pasta homogénea. A esta pasta mistura-se corante verde.

**- Segunda fase**

**Objetivos:**

- ✓ Explorar diferentes técnicas de modelagem com diferentes materiais;
- ✓ Trabalhar as técnicas da reciclagem;
- ✓ Reutilizar folhas de papel;
- ✓ Consciencializar para práticas corretas ambientais.

**Avaliação:**

- ✓ Desenvolve as expressões artísticas;
- ✓ Protege o ambiente;
- ✓ Produz folhas recicladas.

**Materiais:**

- ✓ Pasta de papel;
- ✓ Moldura;
- ✓ Rede;
- ✓ Esponja;
- ✓ Panos.

**Síntese:**

Nesta atividade as crianças irão realizar folhas de papel, utilizando uma rede e uma moldura que irá ser mergulhada na pasta de papel e colocada posteriormente a escorrer, de seguida as crianças irão retirar com o auxílio de uma esponja o excesso de água que se encontra na moldura. Quando todas as folhas de papel estiverem executadas serão colocadas a secar (ao sol se possível).

**4ª Atividade: “Postais de Natal”**

**Objetivos:**

- ✓ Explorar habilidades criativas;
- ✓ Promover a diminuição de consumismo;

**Avaliação:**

- ✓ Realiza postais de natal muito criativos, utilizando padrões e cores variadas;
- ✓ Reutiliza materiais.

**Materiais:**

- ✓ Cartolinas A5;
- ✓ Folhas de papel reciclado;
- ✓ Cola;
- ✓ Material não estruturado (botões, tampinhas, restos de papel, conchas, apara de lápis, lã, ...).

**Síntese:**

A tarefa da realização de postais de Natal, vai de encontro ao uso de materiais não estruturados e a utilização das folhas de papel reciclado, realizadas pelas crianças na tarefa

anterior. Aqui as crianças terão de recortar uma folha de papel reciclado usando o molde de um pinheirinho as crianças mais novas utilizam a técnica de picotagem em vez das tesouras. Já com todos os pinheirinhos recortados as crianças devem decorar os mesmos com o material existente na área de material estruturado, cada qual utiliza o material a seu gosto, dando “asas” à sua imaginação e criatividade

### **5ª Atividade: “Sofá para o Capitão Mão Verde”**

#### **Objetivos:**

- ✓ Participar no planeamento de projetos;
- ✓ Desenvolver o sentido de empreendedorismo;
- ✓ Potenciar a Reutilização de materiais não estruturados;
- ✓ Desenvolver a consciência ambiental;
- ✓ Promover o sentido de estética.

#### **Avaliação:**

- ✓ Transmite ideias para a realização do projeto;
- ✓ Reutiliza os materiais;

#### **Materiais:**

- ✓ Pacote de leite vazios;
- ✓ Jornais/revistas;
- ✓ Fita cola;
- ✓ Tecidos;
- ✓ Restos de tecidos
- ✓ Restos de material eva.

#### **Síntese:**

A tarefa do sofá para o capitão mão verde, é uma atividade que vai de encontro ao uso de materiais não estruturados, diminuído assim o consumo de materiais, esta atividade consiste na realização de um sofá com pacotes de leite e revistas/ jornais no seu interior de forma a ficarem resistentes. As crianças colocam folhas de jornais/revistas dentro dos

pacotes de leite e, depois fecham-nos com fita cola. Depois constroem barras de três e quatro pacotes. Posteriormente encaixam os pacotes uns nos outros e voltam a colar. Seguidamente com o sofá já construído, colam restos de tecidos e material Eva.

### **6ª Atividade: “Casinha da Reciclagem”**

#### **Objetivos:**

- ✓ Participar no planeamento de projetos;
- ✓ Desenvolver o sentido de empreendedorismo;
- ✓ Potenciar a Reutilização de materiais não estruturados;
- ✓ Desenvolver a consciência ambiental;
- ✓ Promover o sentido de estética.

#### **Avaliação:**

- ✓ Transmite ideias para a realização do projeto;
- ✓ Reutiliza os materiais.

#### **Materiais:**

- ✓ Pacotes de leite vazios;
- ✓ Jornais/revistas;
- ✓ Fita cola;
- ✓ Papel de rolo de cozinha;
- ✓ Tintas;
- ✓ Madeira de desperdício;
- ✓ Cola branca.
- ✓ Pinceis

#### **Síntese:**

Esta tarefa baseia-se na construção de uma casinha tridimensional, utilizando os pacotes de leite para a sua estrutura encheidos com revistas /jornais; aqui as crianças terão de encher vários pacotes de leite e fechá-los com a fita cola, quando já possuírem um razoável número de pacotes de leite terão de os colar, de forma a realizar barras com 7 pacotes e

outras com 8 Quando terminarem as barras deverão ser encaixadas de forma a construir as paredes da Casinha. Numa outra fase as crianças forram a Casinha com folhas de rolo de cozinha, usando a cola branca e depois de seca pintam-na. O telhado da casinha foi realizado pelo pai de uma criança.

#### **4 Análise, caracterização e interpretação das atividades desenvolvidas**

Nesta secção são analisados e interpretados os dados recolhidos, organizados por tarefa. De todas as atividades que foram dinamizadas, apenas serão desenvolvidas e descritas pormenorizadamente aquelas que de certa forma melhor clarificam o estudo. A “Casinha da Reciclagem” foi o principal objeto de estudo realizado em partes e deu-se o início em outubro e o seu término foi em 11 de Janeiro, em simultâneo com este projeto foram realizadas outras atividades que entre si tiveram um fio de condutor, e que faziam sentido realizar tais como: “Uma nova missão”, “Vamos explorar e separar”, “Papel Reciclado” “Vamos reciclar papel”, “Postais de Natal”, “Sofá do Capitão mão Verde”. Mediante cada uma das atividades começou-se por fazer uma curta introdução, realçando o modo como foi proposto ao grupo. De seguida, descreve-se detalhadamente a forma como foram exploradas, a fim de compreender o modo como as crianças pensaram e as dificuldades que sentiram, sendo incluídas transcrições dos diálogos das sessões, registos fotográficos pertinentes, bem como registos das crianças. Por último, apresenta-se uma síntese dos principais resultados.

##### **4.1 Atividade “Uma nova missão”**

Esta experiência de aprendizagem surgiu na sequência da narração e discussão do conteúdo de uma história, subordinada ao título “Capitão mão verde – Super herói da reciclagem” (anexo1) que alertava para a importância que merece ser atribuída à recolha de lixo, à colocação nos ecopontos devidos e à reutilização de materiais poderão servir para produzir materiais novos. No sentido, de ajudar as crianças a emitirem a sua própria opinião sobre esse tipo de comportamentos, perguntou-se o que achavam do lixo espalhado pelo solo. As opiniões expressas pelas crianças encaminharam-se no sentido da reprovação desse tipo práticas, como os exemplos a seguir apresentados mostram:

*BA.: “Acho que é mau, porque fica tudo sujo.”*

CD.: “É muito feio. As pessoas que deitam lixo no chão não são amigas do ambiente.”

As afirmações permitem perceber que as crianças assumem um posicionamento crítico face às atitudes menos positivas relativamente à falta de cuidados com a limpeza e conservação do meio, apontando algumas das consequências que daí podem advir, como, atentar contra vida vegetal, causar poluição terrestre e atmosférica. Na discussão das consequências para o ambiente pode ainda ver-se a personificação de determinado elemento ligado ao ambiente, atribuindo-lhe sentimentos, como: “O planeta terra assim fica com uma cara triste.” (criança CE).

Promover a reflexão com as crianças sobre situações, parece poder ajudá-las a prever consequências de determinados comportamentos ecologicamente incorretos e sentir responsabilidade em evitá-los. Este tipo preocupações vai de encontro à meta de aprendizagem número 33 que refere que no final da educação pré-escolar a criança manifesta “comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente, indicando algumas práticas adequadas” (Ministério da Educação, 2010). Ideia que parece encontrar-se na afirmação de uma criança, que na sequência da reflexão acima referida afirmou: “Nós queremos ser amigos do ambiente, podíamos fazer como o capitão mão verde, limpar e reutilizar o lixo.” (criança CE).

Ainda no que concerne à discussão em grande grupo, e aproveitando a ideia que a criança BF referiu: “E se fizéssemos uma casinha, para o Capitão Mão Verde, assim ele ficava na casinha quando viesse cá à escola.” Considerou-se que seria muito construtivo que para além de serem crianças conscientes também poderiam ser empreendedoras, sendo que foi referido que ao longo da permanência em estágio iriam construir uma casinha com pacotes de leite, e para além de ser uma Casinha para o “Capitão”, também iria possuir no seu interior três ecopontos (fig.17), para a separação do “lixo”.



**Fig. 17. Ecopontos para a reciclagem**

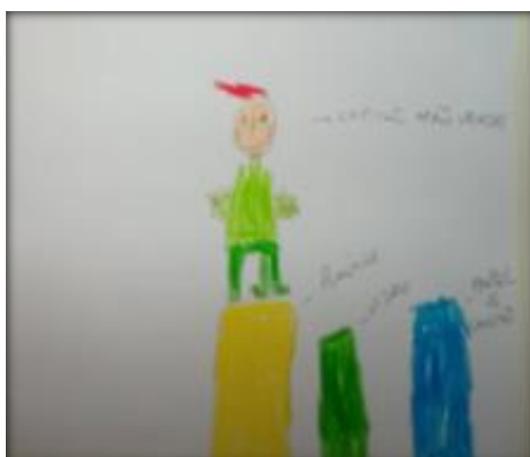
A maioria das crianças demonstrou um elevado grau de interesse e motivação ao mesmo tempo, davam a sua opinião sobre a construção da casinha:

CD.: “A Casinha tem de ser grande para que o capitão possa caber dentro dela.”

AF: “Vamos precisar de muitos pacotes de leite, e eu tenho muitos em casa.”

AB: Se usarmos muitos pacotes não vão para o lixo.

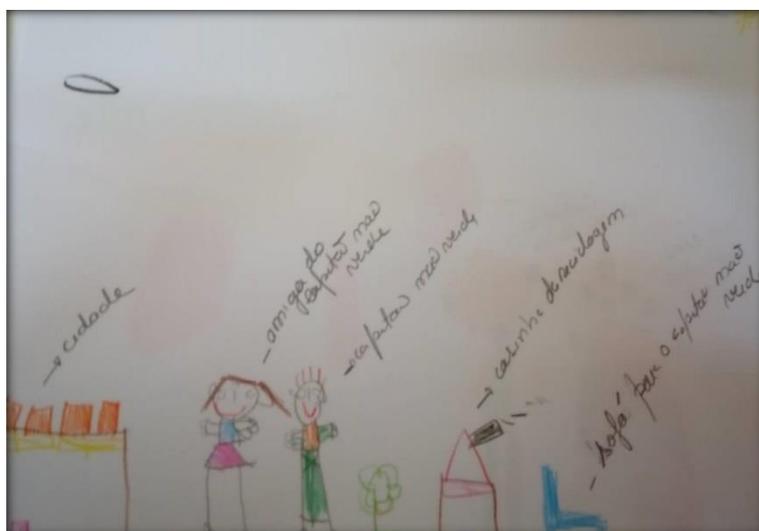
Após este debate de ideias, e como forma de registar a aprendizagem desenvolvida considerou-se importante a realização do registo gráfico da história do “Capitão Mão Verde –Super herói da reciclagem”, no qual as crianças pudessem representar através do desenho o enredo da história. Os resultados dos desenhos foram muito diversificados, destacando-se aqui alguns dos quais as crianças conseguiram transcrever através do desenho a importância da reciclagem (fig.18,19 e 20).



**Fig. 18. Registo da história- criança AC**



**Figura 19. Registo da história - Criança BA**



**Figura 20. Registo da história- Criança BB**

Ao longo da atividade, verificou-se que a maior parte do grupo optou por recolher informação e fazer registo sobre o capitão mão verde, ecopontos, lixo, e também a criança AC optou por incluir no seu registo a casinha para o capitão. Pode-se verificar que ao longo do trabalho a maior parte do grupo tentou reproduzir fielmente as passagens da história atendendo às cores e pormenores das mesmas, assim como o debate final da história.

Concluídos os trabalhos, reuniu-se em grande grupo para refletir sobre a atividade realizada. As crianças deram a conhecer aos colegas o que fizeram e como fizeram. Sendo que os registos gráficos apresentaram nesta primeira etapa de pesquisa a possibilidade da aplicação da arte como desenvolvimento da consciência ecológica e formação do pensamento crítico. Neste tempo de partilha de experiências pessoais, foram levantadas

algumas questões sobre a poluição e o mal que cria ao ambiente, as crianças demonstraram em particular interesse pelo assunto, uma enorme vontade de aprender e grande interesse pelas práticas de proteção ambiental. No desenho gráfico percebe-se que este contribuiu para a consciencialização ambiental pois abrangeu um conjunto diversificado de registos que possibilitaram a transformação das crianças.

## **4.2 Atividade “Vamos explorar e separar”**

Considera-se que a construção de uma nova área “Área do material não estruturado” faria todo muito sentido para que as crianças explorassem este material, e como tal foi necessário pedir a colaboração da família no envio de material não estruturado. Neste sentido, e de forma a continuar a promover esta colaboração, considerou-se pertinente apresentar alguns materiais em grande grupo, e discutir sobre eles, para que assim as crianças se apercebessem de que tipos de construções poderiam realizar com recurso aos mesmos, e de que forma os poderiam manipular. Durante o diálogo as crianças nomeavam os materiais que haviam trazido ao mesmo tempo que efetuavam a separação e a contagem dos mesmos, a criatividade das crianças estava a emergir neste diálogo, sendo que algumas crianças referiam que com as cápsulas de café podiam construir várias figuras como se pode verificar:

Criança BG.: “Podíamos fazer uma flor”.

Criança BD.: “Ou então podíamos fazer uma casa!”

Criança BE.: “Também podemos fazer uma borboleta!”

Neste sentido, e de forma a continuar a promover esta contribuição, considerou-se pertinente apresentar alguns materiais em grande grupo, e discutir sobre eles, para que assim as crianças se apercebessem de que tipos de construções poderiam realizar com recurso aos mesmos, e de que forma os poderiam manipular. Durante o diálogo as crianças nomeavam os materiais que haviam trazido ao mesmo tempo que efetuavam a separação e a contagem dos mesmos, a criatividade das crianças estava a emergir neste diálogo, sendo que algumas crianças referiam que com as cápsulas de café podiam construir várias figuras como se pode verificar:

Criança BG.: “Podíamos fazer uma flor”.

Criança BD.: “Ou então podíamos fazer uma casa!”

Criança BE.: “Também podemos fazer uma borboleta!”

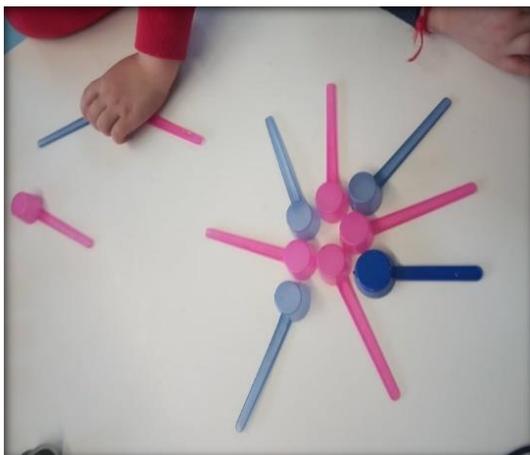
No final da tarefa, a maior parte das crianças fizeram questão de explorar a nova área do “material não estruturado”. Nesta exploração do material surgiram várias construções muito criativas (fig.21,22 e 23).



**Fig. 21. Construção de uma casa com cápsulas de café**



**Fig. 22. Construção de uma flor com cápsulas de café**



**Fig. 23. Construção de um sol com colheres da papa.**

Escutar as percepções das crianças face à instrução da nova área foi um ponto importante e necessário para perceber a transformação e o impacto que esta área teve nos seus interesses, nas suas experiências e vivências. As crianças perceberam que os materiais Não estruturados podem servir para jogar e brincar, podendo estes serem transformados por elas em qualquer coisa que queiram, que pensem e planeiem e, com eles, através de interações e de momentos lúdicos, aprendem.

Tendo em conta as considerações das crianças, acerca das construções que realizaram, considero que foi incentivado o desenvolvimento do pensamento divergente de forma notável. No que respeita à exploração livre das áreas denota-se que houve uma preferência significativa na área de material não estruturado, então fez-se pensar que de facto, a nova área estaria a fazer sentido para o grupo, indo ao encontro dos seus interesses. Relativamente à recolha de materiais, feita pelas crianças, Hohmann e Weikart (2011, p.638) referem que “as crianças em idade pré-escolar são especialistas em apanhar e colecionar objetos que consideram atraentes”, conceção que partilho com os autores, pois de facto, a recolha realizada pelas crianças ajudou-me a entender que tipo de materiais seriam mais interessantes e atraentes para as mesmas, ajudando-me a completar a lista de materiais a incluir, gradualmente, na Área de materiais não estruturados.

Foi fundamental o facto de a Educadora Cooperante ter apoiado desde o início nesta proposta, e todo o envolvimento foi demonstrado pela mesma, não só durante a conceção da área, mas também durante a implementação da mesma. O envolvimento das famílias das crianças foi neste caso, uma surpresa bastante positiva, após a solicitação dos

materiais, todos os dias da semana as famílias entregavam novos sacos e caixas com uma diversidade enorme de contribuições para a nova área da sala.

### **4.3 Atividade “Papel reciclado”**

Nesta tarefa e para dar início as crianças visualizaram um vídeo realizado por crianças da mesma idade de forma a perceberem todas as fases da reciclagem iniciou-se a exploração do tema da reciclagem. A educadora estagiária perguntou às crianças se em algum momento tinham pensado em como as folhas de papel seriam elaboradas. Foi então neste momento que a EE explicou às crianças que o papel velho que as pessoas deitam ao lixo era recuperado em locais próprios para a produção de novas folhas, cadernos, jornais, etc. O restante grupo que ainda não estava envolvido da mesma forma no assunto começou a colocar algumas perguntas como por exemplo: “Então as folhas de papel fazem-se com folhas de jornal?”, “Mas a água desfaz as folhas e assim não ajuda a fazer folhas novas!”

Como refere as OCEPE (2016) a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas e, também, das artes.

A primeira fase da reciclagem de papel, momento destinado à redução de tamanho das folhas de jornais e papel inutilizado para pequenos pedacinhos para facilitar a trituração (fig.24).



**Figura 24.1ª fase. Rasgar o papel**

A segunda fase deste processo foi a trituração dos pequenos papeis misturados com água (fig.25), aqui as crianças trituravam com as mãos de forma a criarem uma pasta homogénea, esta tarefa suscitou euforia no grupo, pois à medida que iam manipulando a pasta de papel, as crianças verbalizam:

AC: “Parece sopa esta coisa, eu gosto de mexer”

BE.: “Quero mexer muitas vezes, posso?”

AC.: “Vamos fazer papel novo”

Através destes comentários constata-se um grande entusiasmo do grupo perante a atividade realizada.



**Fig. 25. Realização da pasta de papel**

Quando todo o grupo teve oportunidade de triturar a pasta de papel, passou-se à explicação da fase seguinte. A educadora estagiária mostrou os caixilhos com rede, onde as crianças colocaram pasta de papel com uma espessura bastante fina. Depois de retirado o excesso de água da pasta de papel, transferiu-se as folhas para uma tira de papel cenário e colocou-se num canto no polivalente a secar, para libertar o espaço da sala de atividades. Depois das folhas devidamente secas, foram mostradas ao grupo (fig.26).



**Fig. 26. Papel reciclado**

Desta forma foi observado uma aprendizagem significativa por parte das crianças, conseguiram perceber que do papel “velho” conseguiam realizar papel “novo”, preservando assim o meio ambiente e perceberem que é importante reciclar pois só assim diminuirá o consumo excessivo, e que somente assim as crianças crescerão com a mentalidade de que é necessário lutar e fazer cada um a sua parte para salvar e conservar o nosso planeta.

Esta tarefa visou destacar a extrema importância que a reciclagem oferece para a redução nos do lixo e possibilitou ainda promover a consciência para a redução do uso do papel e do reaproveitamento de papel, transformando-o em papel reciclado.

#### **4.4 Atividade- “Postais de Natal”**

Esta atividade resultou da intenção da EE em promover a realização de trabalhos com o material não estruturado e para além disso, utilizarem o papel reciclado que anteriormente tinham efetuado. O objetivo desta temática visava “despertar, em todos os intervenientes o interesse pela reciclagem e reutilização de materiais não estruturados/desperdício, como forma de conhecer e compreender os contributos para a proteção do meio ambiente, para o equilíbrio ecológico e para a preservação do ambiente”. Na opinião de Oliveira (2006, p.9), a característica principal da Educação Ambiental consiste no facto de ser orientada para a solução de problemas concretos do ambiente em que o Homem vive. (...) Através da Educação, o indivíduo vai assumindo certos comportamentos e interiorizando um determinado quadro de valores. Interessa, ainda, sublinhar que o trabalho realizado

potenciou momentos de diálogo, reflexão e cooperação, entre a EE e as crianças, de diferentes idades e de diferentes grupos, destacando-se algumas observações: “ Eu quero colar botões, porque a minha mãe disse que iam para o lixo e assim vão ficar no meu postal”; “ Eu vou colar restinhos de papel crepe, pois estes não davam para fazer trabalhos são muito pequenos.

Na tarefa da realização dos postais de natal de papel reciclado todas as crianças utilizaram o material não estruturado disponível para a decoração (palhinhas, botões, restos de papel crepe, papel de jornal...) (fig.27).



**Fig. 27. Realização de postais de Natal**

As crianças revelaram uma boa capacidade criativa, pois não existiram dois postais iguais, pois tinham ao seu dispor uma grande variedade de materiais de diversas texturas e cores, todas as crianças escolheram e utilizaram diferentes formas de combinação (cores) e materiais de diferentes texturas.

Além da capacidade criativa, o grupo de crianças manifestou, também, poder de decisão e tomadas de iniciativa, resultantes das condições que foram criadas, para a exploração da atividade. Ora, ao longo de toda a atividade, houve preocupação em apresentar respostas e reforços positivos, face às capacidades e necessidades das crianças e, conseqüentemente, valorizar a sua iniciativa, ação e reflexão sobre as mesmas.

Relativamente à originalidade, nesta tarefa, as crianças agiram sem se preocuparem com aquilo que estava a ser feito pelos colegas, não tendo havido intenções de se imitarem. O mesmo foi observado aquando seleção de materiais, uma vez que, todas as crianças

fizeram a seleção autonomamente, mediante os seus gostos e interesses, isto é, não precisaram da ajuda do adulto para a concretização da mesma. Os Postais foram levados pelas crianças para casa com o intuito de desejarem um Feliz Natal aos familiares e mostrar aos pais que parte destes postais são realizados recorrendo ao uso da reciclagem implicando assim a diminuição do consumo de materiais convencionais de desgaste.

#### **4.5 Atividade “Sofá para o Capitão mão verde”**

Esta tarefa foi de encontro ao tema da casinha pois num momento de partilha de ideias relativamente ao projeto e ao tema da reciclagem, a criança AC referiu que o “Capitão Mão Verde” necessitava de descansar quando viesse à escola e referiu: “Podíamos colocar um sofá para o capitão descansar”, revela-se aqui uma consciência de solidariedade.

Aproveitando a sugestão da criança AC, a criança AH realiza uma sugestão: “Podíamos construir um sofá com os pacotes de leite que sobraram da casinha e, assim não iam para o lixo”. Aqui está presente nas crianças uma tomada de consciência sobre reutilização de materiais e a reciclagem propriamente dita. Durante o diálogo a criança BA acrescentou: “Se os pacotes forem para o lixo vão fazer poluição”. Denota-se neste comportamento uma evolução comportamental das crianças, pois possuem comportamentos corretos, pode-se referir que as crianças já possuem grande capacidade de aprendizagem e consciência das boas e más atitudes que o ser humano realiza e que podem ser ou não ser prejudiciais para o ambiente. Então conclui-se que o uso do material não estruturado influenciará a conservação do ambiente.

A construção do sofá foi realizada com o mesmo sistema da casinha pacotes de leite, jornais/revistas e, decorado com panos velhos e restinhos de material Eva (fig.28).



Fig. 28. Sofá do “Capitão Mão verde”.

#### 4.6 Atividade- “Casinha da Reciclagem”

O tema de sustentabilidade e reciclagem está cada vez mais presente nos nossos dias e, este projeto é uma excelente forma de consciencializar as crianças sobre a importância de reciclar, reutilizando materiais do qual o seu destino final seria o lixo, desta forma nada mais que ajudar o meio ambiente na transformação de lixo em algo útil e lúdico para com esta faixa etária. O projeto “Casinha da Reciclagem” foi desenvolvido durante todo o período de estágio, sendo este desenvolvido por fases, pois tratou-se de um projeto tridimensional, no qual foram utilizados 412 pacotes de leite enchidos com folhas de revistas/ jornais, sendo que o destino destes materiais seria o lixo e ao invés disso fizeram parte dos materiais utilizados na casinha. Também foi fundamental os pais e encarregados de educação terem um papel ativo na recolha e participação nas diferentes fases do projeto.

##### 4.6.1 Fase I

Esta atividade surgiu fundamentada numa tarefa anterior, num momento de trabalho em grande grupo, quando a criança BF referiu que se deveria construir uma casinha para o capitão. Refletindo sobre o modo como se poderia concretizar esse trabalho, foi decidido partilhar em grande grupo ideias prévias sobre as casas. Desta forma as crianças expuseram as suas opiniões sendo que a criança AB refere: “São feitas com tijolos, cimento para os colar.” Pressupõem-se que esta criança já tenha presenciado alguma atividade relacionada com a construção civil. A criança BA expôs: “As casas têm janelas e portas”, para além

destes comentários surgiram outros, no entanto houve uma criança que mencionou que a casinha da reciclagem era diferente das outras casas “verdadeiras” mencionando assim a sua perspectiva ao restante grupo: “A nossa casinha vai ser feita de pacotes de leite e vai ser do nosso tamanho”. No final deste debate de ideias surge um pequeno diálogo entre a EE e a criança AB:

AB.: “O telhado da minha casinha, foi o meu pai que fez e é de madeira, a nossa casinha podia ser igual.”

EE.: “Sim até podia ser, mas nós temos um problema, não temos madeira na área de materiais não estruturados.”

Criança AB.: “Não faz mal, o meu pai faz porque tem muita madeira.”

EE.: “Sim pode ser, vamos falar com o teu pai, pode ser que nos ajude na construção do telhado.”

(...)

Após este debate de ideias, deu-se início à primeira fase da construção da casinha, as crianças dirigiram-se à área do material não estruturado para escolherem os pacotes de leite e jornais/revistas que lhes permitissem proceder à construção, selecionando só os pacotes grandes para construir os tijolos. Na mesa grande as crianças amarrotaram os jornais/revistas e posteriormente colocavam-nos dentro dos pacotes de leite (fig.29).



**Fig. 29. Enchimento dos pacotes de leite**

Quando os pacotes de leite já se encontravam cheios, as crianças com a ajuda da EE colavam-nos com fita cola. Todos os “tijolinhos”, eram posteriormente colados em forma

de barras (fig.30), sendo que as construções destas barras foram construídas para simplificar a estrutura da casinha.

No final de cada etapa era realizado um diálogo com as crianças à cerca das etapas que foram realizadas, e no desenrolar da conversa uma criança referiu:

AC: “Eu também vou construir com a minha mãe uma casinha com pacotes leite, a minha mãe já tem muitos pacotes de leite. (...)



**Fig. 30. Construção das barras**

No final da manhã, falou-se com o pai da criança AB, que de imediato se prontificou com muito agrado em colaborar no projeto da casinha, sendo que se marcou logo uma data para este ir tirar as medidas, para realizar o telhado, com a madeira de desperdício da sua carpintaria. Esta primeira fase foi realizada durante algumas semanas até que se possuíssem barras significativas para iniciar a construção da casinha, inicialmente esta construção foi realizada dentro da sala de atividades (fig.31), para que as crianças tivessem uma primeira noção sobre a desenvolvimento da casinha.



**Fig. 31. Construção da casinha provisória.**

#### **4.6.2 Fase II**

A segunda parte da casinha da reciclagem, foi realizada no espaço exterior, primeiramente foi a montagem de todas as “peças” da casinha de forma a que ganhasse o aspeto de uma casa “verdadeira” uma outra tarefa foi direccionada para a colagem de folhas de papel de cozinha nas paredes da casinha, a opção de escolha deste material, foi com o propósito de haver perceção dos “tijolinhos” para que estes ficassem perceptíveis à pintura e ao seu contorno. Posteriormente foi colocado pelo pai da criança AB o telhado da “casinha da reciclagem”. Estavam desta forma concluídas todas as etapas da “casinha da reciclagem” (fig.31).



**Fig. 32. Últimas etapas da construção da casinha**

Após a conclusão da casinha era necessário atribuir um nome à casinha da reciclagem e no momento de partilha dos registos as crianças deram algumas ideias para dar nome ao projeto e, depois de uma votação unânime, foi escolhido o nome “Casinha Arco Íris”. Esta nomeação foi sempre ao encontro dos gostos das crianças envolvidas, no entanto aqui surge uma situação que nada se estava à espera porquê Arco Íris, pois a casinha nada tinha a ver com o nome, no parecer dos adultos este nome não fazia sentido, no entanto a criança AG teve a mesma perceção e referiu: “ A casinha não é parecida com o arco iris, podíamos pintar o telhado às cores.” Foi dada muita importância à referida questão e discutida em grande grupo, que resultou uma opinião unanime de todos os participantes.

Como o tema das cores do arco iris ainda não havia sido abordado em sala, e em conjunto com a educadora cooperante foi pesquisado na Internet uma história e uma canção sobre o arco iris. Posteriormente as crianças visualizaram a história (anexo 2) e ouviram uma canção (anexo 3) e desta forma memorizaram as sete cores do arco iris, só depois desta abordagem é que faria sentido pintar o telhado.

A pintura do telhado foi realizada particularmente por uma criança de cada vez, pois tratou-se de uma tarefa minuciosa, no entanto todas as crianças puderam dar o seu contributo. A casinha estava pronta (fig.32) para ser efetuada a sua inauguração.

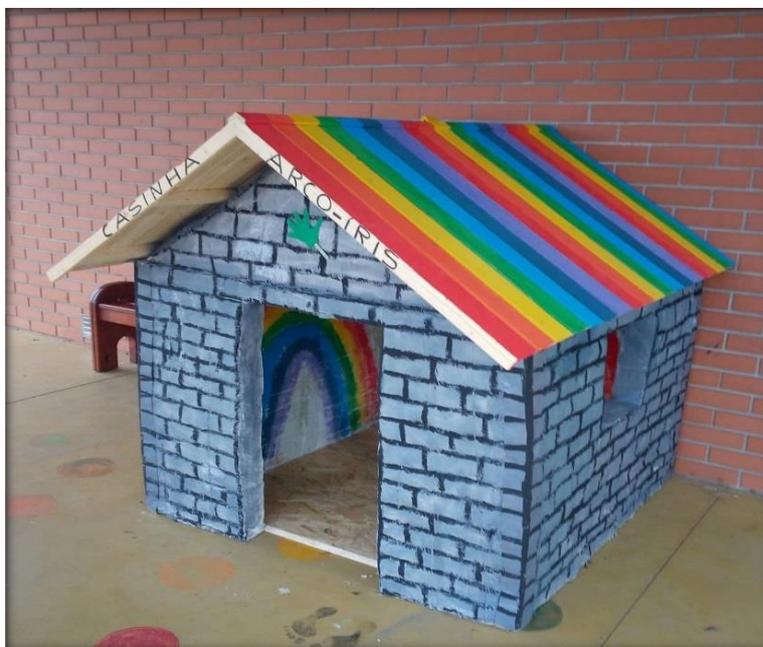


Fig. 33. Resultado do projeto “Casinha Arco-íris”

#### 4.6.3 Fase III

Perante a casinha terminada, a última fase foi dedicada à inauguração deste projeto, do qual as crianças participaram de uma forma muito ativa. Esta fase da conclusão da casinha foi muito desejada pelas crianças, elas questionavam constantemente quando é que se fazia a inauguração, esta palavra surge depois de uma antecipada explicação ao grupo sobre o que era uma inauguração. Durante esta informação, a criança AJ referiu: “Os nossos pais também podem vir?”, aproveitando esta questão informou-se que iriam fazer um convite para os pais e encarregados de educação com material não estruturado e foi proposto ao grupo a realização de um desenho da casinha (fig.34), que posteriormente seria digitalizado, minimizado e colado em retângulos de pacote de leite (fig.35), incluindo assim um texto a convidar pais e encarregados de educação, para a realização do grande feito, “A Casinha arco íris”.



**Fig. 34. Um dos desenhos para a realização do convite**



**Figura 35. Convite para a inauguração da "Casinha"**

O último dia de estágio foi dedicado à inauguração da casinha. Assim, durante a primeira parte da manhã, foram confeccionados dois pequenos bolos para serem partilhados. Posteriormente as crianças dirigiram-se para o recinto exterior onde estava localizada a casinha, e, encontravam-se já junto da casinha os pais e encarregados de educação e claro também a sala 1. Depois de realizado um pequeno esclarecimento de todas as fases da construção da casinha, a Sala 1 preparou uma surpresa para assinalarem esta inauguração, sendo que enquanto aguardavam a surpresa, foi colocada uma música do álbum Jewish Sampler – Old Yisham esta música já era conhecida pelas crianças porque em momentos de trabalho em grande grupo, mais propriamente atividades dedicadas à casinha ouviam esta música com uma curta coreografia No final da surpresa procedeu-se, de forma entusiasta, ao corte da fita. Foi com um lanche partilhado que terminou assim a inauguração do Projeto “A Casinha Arco Iris” (fig. 36 e 37)



**Figura 36. Inauguração da "Casinha Arco Íris"**



**Figura 37. Festa de Inauguração**

Todo o trabalho desenvolvido foi sempre ao encontro dos gostos das crianças envolvidas, acrescentando desta forma um compromisso de ações entre o grupo, originando assim atingir o sucesso no produto final. Para além disso, um projeto desta dimensão, proporcionou oportunidades de trabalho colaborativo e de resolução de problemas. O projeto teve um grande impacto no grupo que se traduziu no envolvimento ativo das crianças que desenvolveram as suas competências empreendedoras. Este projeto não só se mostrou estimulador como também nos momentos de trabalho colaborativo as crianças puderam desenvolver capacidades de organização, partilha, planeamento e negociação, sendo que ao longo do projeto quando surgiam obstáculos na sua concretização mostraram responsabilidade e criação de estratégias de forma de os ultrapassar. As crianças participaram ativamente em todo o desenrolar do projeto sendo que todas as fases deste projeto foram planeadas e construídas pelas crianças, com a orientação da EE, no entanto a colaboração por vezes era apenas quando algo não era facilmente atingível.

Todas as crianças participaram com agrado e entusiasmo nas atividades propostas, trazendo com isso um comportamento muito positivo relativamente à mudança de hábitos com o planeta.

O trabalho realizado em volta do tema Consciência Ecológica apresentado nesta experiência de aprendizagem foi muito importante para além do desenvolvimento de conteúdos de várias áreas do saber, também estavam constantemente em momentos lúdicos associados à consciência ecológica. Esta consciência também implicou um aumento da consciência ecológica nos pais, pois numa conversa com uma das mães, esta referiu que este projeto foi muito interessante e que para além de não ter quase gastos, também em simultâneo se estava a proteger o ambiente de tal forma que também iniciou no seu seio familiar uma construção de uma casinha idêntica, e que para além de ser um desafio, também iriam passar momentos de brincadeira em família com “consciência ecológica” e de tal modo estariam a concorrer com os materiais convencionais.

As experiências de aprendizagem desenvolvidas, trouxeram resultados bastante positivos, o grupo revelou possuir conhecimentos sobre a importância de reciclar e reutilizar os materiais não estruturados, elevando assim atitudes positivas face à preocupação do ambiente.

## **5 Conclusão**

O conteúdo deste estudo surgiu de uma observação segundo a qual se considerou pertinente promover atividades motivadoras e integradoras que fizeram com que os participantes elevassem a sua imaginação e a criatividade perante uma constante consciência ecológica, assumindo um papel ativo e responsável.

Para uma melhor organização o capítulo encontra-se dividido em três secções, onde são apresentadas as conclusões do estudo; as suas limitações e recomendações para futuras investigações.

### **5.1 Conclusões de estudo**

#### **O Despertar para uma Consciência Ecológica**

Neste contexto educativo foi visível que, apesar das crianças explorarem as Artes Visuais de forma apelativa, possibilitou ainda expressarem as suas preocupações para com o meio ambiente e, o uso dos materiais não estruturados levou à diminuição excessiva dos materiais convencionais e, por conseguinte, um cuidado consciencioso para com o meio ambiente. Para a concretização da área de material não estruturado foi fundamental o apoio das famílias, sendo que proporcionou às famílias que em casa, em conjunto com as crianças realizarem uma recolha seletiva dos materiais não estruturados que possivelmente o seu destino era o “lixo” e, que foram enviados para o jardim de infância, com o principal objetivo de serem explorados e reutilizados na nova área implementada em sala. . O envolvimento da família assumiu um papel de particular relevo, implicando desta forma uma cumplicidade na construção das atividades, e uma valorização das práticas pedagógicas praticadas no jardim de infância. Esta prática de exploração e reutilização de materiais deu a compreender às crianças e respetivas famílias que para além de poderem tirar partido deles no seu dia, também foi uma forma de promover hábitos de reutilização. A utilização destes materiais teve impacto positivo no seio familiar das crianças, pois como já foi já referido anteriormente, uma família já colocou em prática o desafio de construir uma casinha idêntica. Este impacto é uma referência bastante positiva, é sinal de que as crianças e respetivos pais têm a perceção que estes materiais

possuem vários benefícios. Evidentemente são facilmente encontrados em casa, adquirem uma concorrência em relação aos objetos tradicionais que podem não ter custos ou serem de baixo custo, e, por conseguinte, é um desafio familiar contemplando todas as idades, também por estes serem muito versáteis, adquirem facilmente novos significados que por sua vez aumentam momentos de imaginação e criatividade permitindo a criação de hábitos mais saudáveis e respeito pelo planeta.

Refere-se ainda que foi possível verificar que o material não estruturado permitiu que as crianças exercitassem a sua imaginação e inteligência, verificando-se que a nova área dos materiais não estruturados, implementada em sala de atividades, veio proporcionar às crianças uma mudança de hábitos nas suas escolhas. Todavia verificou-se que requisitaram muito esta área, pois possuía materiais diferentes dos convencionais, do qual não estavam habituados. As crianças valorizaram mais estes materiais por serem diferentes e poderem realizar outro tipo de construções, elevando desta forma a sua criatividade. Além disso, nas atividades livres esta possuía uma vasta gama de materiais, dos quais podiam ser utilizados em simultâneo com os seus pares e sem restrições, assim provocavam um grande interesse e motivação nas escolhas das mesmas. Nos trabalhos orientados com estes materiais, especificamente no projeto da “Casinha”, constatou-se que as crianças assumiram um papel ativo e responsável em todas as fases do projeto, permitindo vivências consolidadas. No que se refere ao projeto em si, as crianças assumiram um sentido de pertença sobre o mesmo, e que foi crescendo à medida que as etapas foram avançando, também é de referir que a responsabilidade foi aumentando tanto no projeto pois era um projeto deles, do qual possuíam um cuidado especial face aos materiais que estavam a ser construídos, como também nas atitudes, comportamentos e conhecimentos facilitadores da construção de uma melhor qualidade de vida ambiental. A tomada de consciência deve-se ao facto que o sentido de pertença resultou e, verificou-se que as crianças se concentraram verdadeiramente no projeto que estavam a executar. Durante a execução do projeto refere-se que os pais estiveram envolvidos e muito participativos nas atividades dos seus educandos, e este envolvimento refletiu-se na diminuição do absentismo e pontualidade escolar. Para além desta relação de proximidade estabelecida

ser importante na progressão da criança, também veio elevar índices de motivação na criança face ao envolvimento no projeto.

Face aos resultados obtidos salienta-se que nas atividades orientados para a prática do desenho gráfico, as crianças evidenciaram nas suas produções gráficas grande capacidade de aprendizagem e consciência das boas e más praticas que o ser humano realiza e que pode ser ou não prejudicial para o ambiente. A par disto o desenho gráfico contribui para o desenvolvimento de outras competências, verificou-se que crianças, principalmente as de quatro e cinco anos conseguiam passar da figuração oral para o registo gráfico visual e, através deste não só recontavam a história como mostravam evidências da consolidação da mesma, também se pode referir que neste tema tão importante as crianças representam no desenho gráfico hábitos mais saudáveis para com a natureza, o que pode gerar a mudança de hábitos no seu dia a dia bem como no futuro. Para além disto as crianças nestes registos desenvolveram a motricidade fina bem como o sentido estético do desenho gráfico. Neste projeto as crianças representaram graficamente as ações que desenvolviam no seu dia a dia, e através do desenho reconheciam as linhas orientadoras das várias fases do projeto. Salienta-se ainda que estas práticas pedagógicas ajudaram por um lado, a evidenciar os conhecimentos das crianças e a tomar medidas saudáveis como por exemplo a reciclagem e a reutilização de materiais por outro lado a preservação de materiais em primeira mão.

Conclui-se que as crianças tiraram partido não só nas atividades livres bem como nas orientadas. Se por um lado nas atividades livres e espontâneas aumentam a criatividade, por outro nas atividades orientadas promovia-se o “reaproveitamento de materiais”, sendo uma prática muito vantajosa em duas vertentes: a primeira no sentido de ajudar a formar cidadãos críticos e conscientes, dos quais adotam uma visão positiva para com hábitos mais saudáveis; a segunda vertente refere-se ao desenvolvimento de um pensamento sustentável, de tal modo que este favorece uma mudança das suas mentalidades e também nos que lhes estão próximos, como por exemplo nos seus familiares.

Projetos desta natureza não só promovem experiências relevantes do ponto de vista do desenvolvimento linguístico, a nível verbal e visual, bem como do ponto de vista ambiental

potenciam hábitos que não sejam somente a exposição de trabalhos e aceitações agradáveis de todos os intervenientes, como a criação no seio familiar de hábitos de proteção pelo meio ambiente, como um meio de preservação e sustentabilidade do Planeta.

## **5.2 Limitações do estudo**

No que diz respeito às limitações do trabalho, num projeto desta dimensão foi a ausência de uma maquete 3D, pois esta iria facilitar uma melhor percepção do projeto que se queria implementar, no entanto não foi um impedimento para a concretização, pois a opção para atenuar esta limitação foi a construção provisória da “Casinha” em sala de atividade. O fator tempo foi, outra limitação, pois devido à construção provisória em sala veio atrasar um pouco o processo, porque no final de quase toda a sua construção foi necessário desmontar todas as partes da casinha e construir novamente no local destinado (exterior), desta forma o tempo estava escasso, pois restavam apenas duas semanas de intervenção. No entanto para remediar esta limitação, a solução encontrada foi realizar esta etapa durante a interrupção do Natal.

## **5.3 Recomendações para futuras investigações**

A partir das conclusões e das limitações deste estudo, julga-se relevante apresentar algumas recomendações para futuras investigações e, por considerar esta uma temática bastante pertinente, principalmente quando temos de alertar as crianças, jovens e adultos para a diminuição do consumo excessivo de materiais e identificar formas alternativas de utilização, no sentido de lhes atribuir novas funcionalidades. Por conseguinte para a realização de novos estudos poder-se á realizar outros projetos com diferentes materiais mantendo o tema da consciência ecológica. Criação de um objeto com o intuito de permitir a interdisciplinaridade entre as diferentes áreas de saber, que permita desenvolver as experiências vividas das crianças e fazer uma avaliação respetiva dessas práticas e consciencialização ecológica.

### **CAPÍTULO III – REFLEXÃO GLOBAL DA PES**

Neste capítulo apresenta-se uma reflexão global acerca do trabalho desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular da Prática de Ensino Supervisionada, isto é, PES I e PES II, em que refiro o contributo desta experiência para a minha formação. De todo o percurso académico, para além da elaboração do presente relatório, a Prática de Ensino Supervisionada foi seguramente um percurso muito desafiante e trabalhoso.

O mestrado em Educação Pré-escolar dividiu-se em três semestres, nos quais foram abordadas componentes teóricas e práticas. O primeiro semestre remeteu-se para uma vertente teórica, onde foram lecionadas didáticas que resultaram em aprendizagens muito significativas e, posteriormente conduzidas para a prática. No segundo semestre, tivemos a possibilidade de continuar com componente teórica, em simultâneo com componente prática PES I, que decorreu durante três manhãs por semana, divididas entre o berçário e a creche. Foi de extrema importância ter passado por estas diferentes faixas etárias acompanhando desta forma os diferentes momentos: as atividades; as rotinas e os tempos de cada criança, levando-me a ter uma noção mais coerente e uma consciência mais idealizada do trabalho que é realizado.

No terceiro e último semestre realizou-se o estágio da PES II com um carácter mais prático e com um período mais extenso, cinco manhãs por semana, permitindo assim estar a par de grande parte da dinâmica do jardim de infância. Foi também neste contexto que tive a oportunidade de realizar o presente relatório. Neste semestre também tivemos sessões de seminário relacionadas com as didáticas, nas quais focaram temas muito relevantes para as nossas aprendizagens e nas atividades a implementar. Com estas didáticas foi possível ter uma visão prévia das dificuldades que poderiam surgir, elevando assim um melhor desempenho e desta forma conseguir articular com a prática, tornando-se assim uma mais valia na obtenção de um bom desempenho no dia a dia em sala de atividades.

A PES II revelou-se um desafio e um fator essencial para o meu desenvolvimento profissional, fez com que assumisse um papel de educadora e ao mesmo tempo de investigadora, tornando-me desta forma numa melhor profissional, e que estudos desta

natureza merecem ser olhados como algo de grande importância. O estágio apresentou aspetos muito positivos dos quais passo a mencionar:

- Possibilitar o contacto direto com o grupo, criando uma relação de afetividade e confiança quer para o desenvolvimento da prática quer para o desenvolvimento da investigação;
- Desenvolver um projeto, promovendo práticas que contribuíssem para que as crianças desenvolvessem atitudes e conhecimentos facilitadores da construção de uma consciência ecológica;
- Realizar planificações em conjunto com o par de estágio permitiu ter duas visões diferentes para uma só planificação, este processo foi sempre encarado como um processo flexível que permitiu responder às exigências apresentadas pelo perfil do grupo e pela individualidade de cada um.
- Implementar atividades com o apoio do par de estágio, permitiu que as tarefas fossem partilhadas, sem que desta forma tirassem a responsabilidade de quem partilha. As implementações intercaladas com o par de estágio, permitia que quando um par implementava o outro adquirisse mais tempo de observação, identificando assim possíveis dificuldades individuais ou em grande grupo, permitindo assim um reajuste nas futuras atividades a implementar e, ainda a partilha de saberes com o par de estágio e o dialogar sobre possíveis aspetos positivos e negativos surgidos nas atividades.
- Usar estratégias motivadoras que envolvessem as crianças em situações constantes de aprendizagem, tal com refere Oliveira (2005) “O desenvolvimento de estratégias cognitivas constitui uma meta importante no acto de ensinar” (p.96).
- As planificações corrigidas pelas educadoras cooperantes e professores supervisores foram, claramente, momentos de constante aprendizagem. As correções fizeram refletir sobre a prática, compreender se determinada atividade seria a mais indicada para aquele grupo específico ou mesmo para abordar certos temas. De acordo com as OCEPE (2016) planear implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas como adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à realização da atividade.

- As reuniões semanais com os professores orientadores da ESE, resultaram numa visão mais aberta do caminho mais correto a seguir aprofundando melhores conceitos e capacitando o que se deve melhorar nas intervenções seguintes,
- Ter vários professores de diferentes áreas de conteúdo, consegue-se obter aprendizagens mais específicas nas diferentes áreas de conhecimento.
- A reflexão semanal sobre as intervenções, organizada em pontos fortes e fracos, ajudou a meditar sobre a prática utilizada, e uma melhor planificação para uma próxima intervenção.

Para terminar estes pontos destaco ainda que no decorrer desta prática pedagógica a Educadora Cooperante e os Professores Orientadores da ESE sempre nos apoiaram dando-nos um feedback sobre o nosso desempenho, ajudando-nos sempre a melhorar nas intervenções seguintes. A Assistente Operacional também nos auxiliou nas diferentes atividades implementadas, sendo desta forma uma ajuda muito significativa.

No percurso de desenvolvimento do estágio, foi muito importante verificar que o incentivo aos pais na participação e colaboração das atividades implicou uma grande cumplicidade no desenrolar das tarefas e conhecimentos do que se estava a trabalhar, revelando-se assim uma proximidade entre as duas instituições, o Pré-Escolar e a família, assumindo assim um feito importante na progressão da criança, e como tal necessitam ser olhados como dois elementos interligados, com um papel importante na vida de cada criança e que se devem apoiar mutuamente.

Todo este percurso foi muito gratificante, pois depositou em mim maior confiança e superação em saber lidar com as dificuldades e com novos desafios que poderão surgir ao longo da minha carreira. Esta reflexão faz-me reviver que todos os momentos vividos valeram a pena e que particularmente serão esquecidos, e que saí daqui com uma enorme bagagem de conhecimentos e experiências. Tentei sempre dar o meu melhor e fazer cada vez mais, escutando sempre todos os conselhos que me foram dados. O projeto desenvolvido na prática acabou por se tornar muito envolvente na medida em que as crianças em conjunto e com as suas famílias participaram neste processo educativo. Foi realmente muito compensador pois para além de ser um enorme desafio, foi com grande

motivação e entusiasmo que se verificou que sessão após sessão, houve uma enorme progressão das crianças nas suas práticas diárias para com o ambiente resultando assim numa maior consciência ecológica.

Em forma de síntese posso transmitir que esta experiência possibilitou-me vivenciar de uma forma mais consciente, do que é ser um educador e quais as suas responsabilidades. Gradualmente fui entendendo as dificuldades inerentes a esta profissão, mas também o impacto que essas atitudes têm na formação de uma criança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencar, E. (2007). *Criatividade no Contexto Educativo - Três Décadas de Pesquisa*. Porto Alegre: Artmed.
- Almeida, A. (2002). *Abordar o Ambiente na Infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Barbosa, A. M. (2002). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bronfenbrenner, U. (2002). *A ecologia do desenvolvimento humano. Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *A criança e a família no século XXI*. Lisboa: DINALIVRO.
- Coutinho, C. P. (2008). A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa : questões relativas à fidelidade e validade.
- Duffy, P. (2004). *Encorajando o Desenvolvimento da Criatividade*. Lisboa: Texto Editora.
- Folque, M., & Melo, I. (2017). Construir a sustentabilidade a partir da infância. *Cadernos de Educação de Infância*, pp. 112, 82 – 91.
- Formosinho, J. O. (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.
- Fortuna, T. (2000). Sala de aula è lugar de brincar? Obtido de [http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/valeria/texto\\_sala\\_de\\_aula.pdf](http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/valeria/texto_sala_de_aula.pdf)
- Gallahue, D., & Ozmun, J. (2005). *Compreendo o desenvolvimento motor bebês, crianças, adolescentes e adultos*. Brasil: Phorte Editora.
- Gândara, M. I. (2003). *Desenho Infantil: Um Estudo Sobre Níveis do Símbolo*. Lisboa: Texto Editores.
- Goldschmied, E., & Jackson, S. (2007). *Educação de 0 a 3 anos: O atendimento em Creche*. Porto Alegre: Artmed.

- Gonçalves, F., Pereira, R., & Azeiteiro, U. (2007). *Atividades práticas em ciência e Educação Ambiental*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Guedes, J. C. (2006). *Educação ambiental nas escolas de ensino fundamental*. Garanhuns: do autor.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Horn, P. (2004). *Sabores, Cores, Sons, Aromas: A Organização dos Espaços na Educação Infantil*. São Paulo : Artmed.
- Katz, L., & Chard, S. (2009). *Abordagem de Projeto na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Lipor*. (s.d.). Obtido de Sustentabilidade: <https://www.google.com/search?q=lipor&oq=lipor&aqs=chrome..69i57j69i60l2j0l3.2023j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>
- Marques, R. (1999). *Modelos pedagógicos actuais*. Lisboa: Plátano e edições técnicas.
- Marques, R. (2001). *A Arte de Ensinar Dos Clássicos aos Modelos Pedagógicos Contemporâneos*. Lisboa: Plátano edições técnicas.
- Ministério, E. (1998). *Qualidade e Projecto na Educação Pré Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moura, A. (2003). Desenho de uma pesquisa:Passos de uma Investigação - Ação. Educação (UFSM), 28(1), 09-32.doi 10.5902/19846444
- Munari, B. (2007). *Fantasia* (6 ed.). Coimbra: Edições 70.
- Oliveira, J. B. (2005). *Psicologia da Educação - Aprendizagem-aluno*. Porto : Legis Editora.
- Oliveira, L. (2003). *Educação Ambiental - Guia prático para professores, monitores e animadores culturais* (3ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- Oliveira, M. (2003). *A Expressão Plástica e Desenvolvimento Curricular: Implicações para a formação*. Lisboa: Educare .
- Piaget, J. (1973). *A epistemologia genética*. Petrópolis: Vozes.

- Quercus. (s.d.). Obtido de Educação Ambiental:  
[https://www.google.com/search?q=ww.Quercus.pt.+\(s.d.\)&oq=ww.Quercus.pt.+\(s.d.\)&aqs=chrome..69i57.2972j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=ww.Quercus.pt.+(s.d.)&oq=ww.Quercus.pt.+(s.d.)&aqs=chrome..69i57.2972j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8)
- Rangel, M., & Gonçalves, C. (2010). A Metodologia de Trabalho de Projeto na nossa prática pedagógica. *Da Investigação às Práticas*.
- Reis, R. (2003). *Educação pela Arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, L. C. (1997). *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editores.
- Robinson, K. (2009). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.
- Santos, A. (2008). *Medições Arteducacional*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Serralha, F. (2009). Caracterização do Movimento da Escola Moderna. 5-48.
- Shard, S., & Katz, L. (1997). *Abordagem de Projecto na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Silva, D. (2009). Sustentabilidade Corporativa. In: Anais VI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - SEGeT, Resende, RJ.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte - Música e Artes Plásticas* (Vol. 3º). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação - Bases Psicopedagógicas* (Vol. 1). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação* (Vol. 3º). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sternberg, R. (2011). *Psicologia Cognitiva* (4 ed.). Poto Alegre: Artmed.
- UNESCO, C. N. (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. Lisboa: Touch, artes gráficas.
- Vasconcelos, T. (2011). *Trabalhos por projetos na Educação de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Vygotsky, L. (1934). *Imaginação e Criatividade na Infância*. Lisboa : Dianalivro.

## **ANEXOS**

Anexo 1

<https://pt.slideshare.net/jamonta/o-capito-verde-10138680>

Anexo 2

<https://www.youtube.com/watch?v=eejo6NcoDgl>

Anexo 3

<https://www.youtube.com/watch?v=ukAmaYwN8u4>